

Universidade de Lisboa

Faculdade de Belas-Artes



DESENHANDO EM VIAGEM
Os cadernos de África de Roberto Ivens

Mara Taquelim

Mestrado em Desenho

2008

Universidade de Lisboa

Faculdade de Belas-Artes

DESENHANDO EM VIAGEM
Os cadernos de África de Roberto Ivens

Mara Taquelim

Dissertação de Mestrado

em Desenho

Orientadora: Prof. Doutora Margarida Calado

2008

Resumo

Viajar pelas terras desconhecidas de África, sobretudo a partir do séc. XIX, passou a fazer parte do desejo dos aventureiros destemidos, atraídos pelo exótico e pelo mistério associado a novos lugares. Nessas viagens os exploradores escreveram e desenharam em diários, que traduzem uma visão da terra que os rodeava e das suas emoções mais íntimas.

A par desta tendência, a de viajar até ao coração desconhecido de África, as potências europeias deram início a uma corrida desenfreada para explorarem os recursos e os povos desse grande continente. Portugal, com possessões em território africano, vê-se pressionado a reorganizar uma nova política expansionista. Para tal, promove expedições científicas a África com o intuito de melhor conhecer o território que está sob o seu domínio e, futuramente, estabelecer rotas comerciais e incentivos para o povoamento de locais.

Roberto Ivens e Hermenegildo Capelo tornam-se companheiros inseparáveis de duas expedições científicas a África. Estes exploradores relataram os dias de expedição nos diários que os acompanharam. Mas para além do registo precioso das anotações científicas e das impressões de viagem, Roberto Ivens preencheu os seus cadernos com desenhos feitos por si próprio. São desenhos carregados de uma forte expressividade e balançam entre o registo forte e o traço subtil. As viagens de exploração não eram lineares. Os exploradores deslocavam-se em voltas labirínticas através das selvas, pântanos e savanas, efectuando grandes caminhadas por espaços abertos e sem ajuda de um mapa. Os desenhos parecem acusar esta falta de linearidade das viagens de exploração, no sentido de não lhes pertencer apenas um tipo de linha e um tipo de registo. A atmosfera que preenche o espaço dos desenhos é atravessada por apontamentos dramáticos, humorísticos, enraivecidos, encantatórios. Tudo isto se vê nas páginas dos cadernos de viagem de Roberto Ivens, apesar de só muito remotamente se poder imaginar a fadiga, o desespero e também o deslumbramento que em tais circunstâncias se sentia.

Palavras chave

África; Caderno de viagem; Desenho; Expedição; Roberto Ivens.



Abstract

Travelling through unknown lands in Africa, particularly from the seventeenth century, became part of the desire of fearless adventurers, attracted by the exotic and the mystery associated with new places. On these trips the explorers wrote and designed journals, which reflect a view of the surrounding land and their most intimate emotions.

Alongside this trend, to travel to the unknown heart of Africa, the European powers began a big race to exploit the resources and the people of this great continent. Portugal, with possessions in the African territory, is pressed to reorganize a new expansionist policy. To this end, Portugal promotes scientific expeditions to Africa in order to increase the knowledge about the territory which is under its domain and in the future establish trade routes and incentives for the local population.

Roberto Ivens and Hermenegildo Capelo become inseparable companions in two scientific expeditions to Africa. These explorers reported their expeditions in their diaries which followed them everywhere. But beyond the precious record of scientific notes and impressions of their journeys, Roberto Ivens filled their notebooks with drawings made by himself. These drawings are loaded with a strong expressiveness and vary between a strong record and a subtle feature. These expeditions were not linear. The explorers moved in labyrinthic turns throughout the jungles, swamps and savannas, doing long walks in large open spaces and walking without the aid of a map. The drawings appear to acknowledge this lack of linearity of the travel operation, as they show not only one type of line and a kind of record. The atmosphere that fills the space of the drawings is crossed by dramatic, humorous, angry, enchanted notes. All this can be seen in the pages of Roberto Ivens' travel journals, although only very remotely can one imagine the fatigue, the despair and also the fascination that was felt under such circumstances.

Key Words:

Africa; Travel journal; Drawing; Expedition; Roberto Ivens.





*Que chuva Deus meu!
Assim a apanhar toda – só!
Eu, o vento e a chuva, éramos quem estava ali¹.*

¹ Expedição Capelo e Ivens através da África em 1884-1885, Itinerários de viagem. Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 1989. (fac-símile)



ÍNDICE:	Página
Apresentação	7
Introdução	10
1. O desenho de viagem	12
1.1. O artista repórter	16
2. As travessias em África	19
3. Portugal e a defesa das possessões em território africano	23
4. Roberto Ivens (biografia breve)	24
5. A instrução naval e sucessivas reformas	28
5.1. O lugar do desenho na instrução naval	31
6. As expedições científicas portuguesas a África	35
6.1. De Benguela às terras de Iaca	38
6.2. De Angola à contra-costa	45
7. Os cadernos de viagem de Roberto Ivens	48
7.1. Comparando com os cadernos de Serpa Pinto	50
7.2. Em busca dos desenhos da expedição <i>De Benguela às terras de Iaca</i>	51
7.3. Os desenhos da expedição <i>De Angola à contra-costa</i>	55
7.3.1. O suporte	57
7.3.2. Os instrumentos do desenho	57
7.3.3. Os elementos gráficos do desenho	59
7.3.4. A representação	60
7.4. Análise de dez desenhos	64
7.4.1. Desenho I	64
7.4.2. Desenho II	65
7.4.3. Desenho III	67
7.4.4. Desenho IV	68
7.4.5. Desenho V	69
7.4.6. Desenho VI	70
7.4.7. Desenho VII	71
7.4.8. Desenho VIII	74
7.4.9. Desenho IX	74
7.4.10. Desenho X	75
Conclusão	77
Fontes e bibliografia	81
Anexos	86
Anexo 1: Fragmento do texto <i>De Angola à contra-costa</i>	86
Anexo 2: Mapa Cor-de-Rosa	87
Anexo 3: Gravura do retrato de Roberto Ivens	88
Anexo 4: Itinerário das expedições a África (R. Ivens e H. Capelo)	89
Anexo 5: Gravuras do reconhecimento do Rio Congo, por Roberto Ivens	90



Anexo 6: Desenhos dos cadernos de viagem de Roberto Ivens – <i>De Angola contra-costa</i>	91
Anexo 7: Desenho do caderno de viagem de Roberto Ivens – <i>De Angola à contra-costa</i>	94
Anexo 8: Regresso de H. Capelo e R. Ivens da viagem à África equatorial	95
Anexo 9: Desenho do caderno de viagem de Serpa Pinto	96
Anexo 10: Gravuras realizadas a partir do álbum de viagem de Roberto Ivens – <i>De Benguela às terras de Iaca</i>	97
Anexo 11: Desenho do caderno de viagem de Roberto Ivens – <i>De Angola à contra-costa</i>	99
Anexo 12: Dez desenhos dos cadernos de viagem de Roberto Ivens: Expedição <i>De Angola à contra-costa</i> , 1884-1885	
	[caderno separado, em anexo]



Apresentação

Escrevendo-se a história de Portugal também com a história do continente africano, nomeadamente com a de Angola e a de Moçambique, e albergando as nossas instituições um espólio precioso de registos gráficos na área do desenho que de tal facto nos dá testemunho, pareceu-nos oportuno realizar a presente dissertação de mestrado ligada à temática do desenho de viagem. Debruçámo-nos com particular interesse sobre os cadernos de Roberto Ivens realizados durante as duas expedições científicas a África em que este participou. Estas expedições ocorreram nos finais do século XIX, entendendo cronologicamente este período como os últimos vinte e três anos da centúria em causa.

Estando embora as duas expedições científicas realizadas a África balizadas cronologicamente entre os últimos anos do século XIX, o estudo subjacente a esta dissertação não se confinará a este período de tempo. A razão de uma maior abrangência cronológica justifica-se uma vez que pretendemos contextualizar os desenhos em estudo, sendo por isso necessário indagar sobre a sua origem. Apresentaremos assim as razões que levaram à realização das referidas expedições e conseqüentemente dos registos gráficos corporizados nos cadernos de viagem de Roberto Ivens, e abordaremos a temática relacionada com o desenho, em si mesmo. Justifica-se desta forma falarmos sobre o percurso escolar de Roberto Ivens, fazendo referência ao ensino do desenho nas instituições em que este estudou.

Para dar corpo a esta dissertação, foi fundamental a consulta de publicações e periódicos da época, nomeadamente a consulta de obras reservadas (fontes manuscritas e iconográficas), encontrando-se este espólio documental disperso por vários núcleos, tais como: Sociedade de Geografia de Lisboa, Arquivo Central da Marinha, Museu da Marinha, Biblioteca Nacional. A leitura das descrições verbais efectuadas em viagem e registadas em diários, assim como a leitura do relato escrito pelos próprios exploradores, após cada uma das expedições, publicado em livro (no total de quatro volumes), foram fulcrais para a realização desta dissertação. Os fragmentos da obra *De Angola à contra-*



costa foram transcritos conforme a edição original, que é a que possuímos, pelo que o texto respeita a ortografia da época. Fragmentos dos quatro volumes editados serão citados com alguma frequência. Para além da riqueza das palavras que encerram em si experiências muito peculiares, estes textos ajudam-nos a traçar o percurso da viagem e reforçam igualmente as linhas dos desenhos. Estes últimos, por sua vez, serviram de base à ilustração desta grande aventura que foi percorrer terras em África.

Em termos metodológicos, decidimos apresentar a cópia dos dez desenhos analisados em 7.4. num volume separado (Anexo 12), servindo este de referência ao corpo teórico. A razão prende-se com o facto de julgarmos ser um facilitador de consulta podendo apoiar-se e apoiar o texto num paralelismo simultâneo. Por outro lado fará alusão aos cadernos de viagem estudados, pois respeita as dimensões e formato que lhes são próprios. Com os desenhos seleccionados tentámos contemplar pelo conjunto as diferentes características presentes na globalidade dos cadernos originais. À falta dos desenhos relativos à primeira expedição, apresentamos, em anexo, algumas gravuras publicadas e realizadas a partir destes.

Terminamos esta apresentação agradecendo às diversas pessoas e instituições que nos auxiliaram, seja através do fornecimento de informações, seja possibilitando-nos o acesso a determinada documentação, entre outras razões.

Assim, agradecemos ao Conselho Executivo da Escola EB 2,3 nº1 de Lagos a articulação de horários indispensável à compatibilização entre a actividade lectiva e o trabalho de investigação para esta dissertação.

Ao antigo proprietário do *Calhau Rolado*, Francisco V., agradecemos o empréstimo do volume I *De Benguela às terras de Iaca*, publicação esgotada no editor.

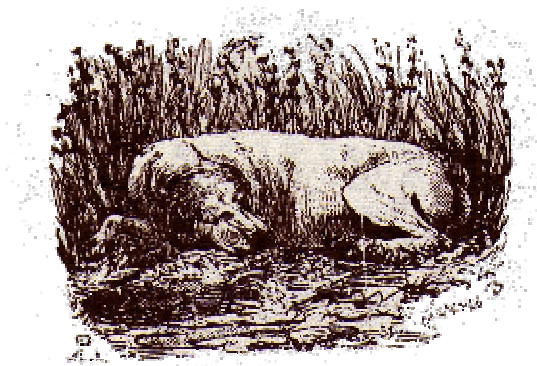
À Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa, nas pessoas dos seus funcionários, agradecemos o apoio prestado na consulta da documentação necessária.

À Doutora Isabel Beato agradecemos as indicações preciosas na consulta de documentos do Arquivo Central da Marinha.



Gostaríamos de expressar um especial agradecimento à Professora Doutora Margarida Calado, pela ajuda facultada no esclarecimento de dúvidas, pela prestação útil de informações e de sugestões, pela cedência de alguma documentação.

Trazemos connosco uma lembrança profunda da Falua, companheira das muitas e repetidas deslocações a Lisboa relacionadas com o trabalho de investigação para esta dissertação, e que, infelizmente, tal como a Pomba, o Atrevido e a Cassai, não chegou ao final da “viagem”...



Cassai, a fiel companheira

Ilustração *De Bengala às Terras de Iaca*
(final do vol.I), realizada a partir de um
desenho de Roberto Ivens.



Introdução

A viagem assume progressivamente especial importância no contexto histórico europeu. A paixão pela descoberta daquilo que é novidade leva à revitalização da procura do exotismo, nomeadamente do continente africano. É que *Há fibras no coração humano que só vibram naquele meio, e nascem e morrem adormecidas no remanso dos empoeirados macadams da velha Europa*²! escreveram Capelo e Ivens. Quanto mais distante for a viagem e quanto mais fantástica a descoberta e a revelação daquilo que se encontrou, maior importância a mesma assume. Mas porque a viagem finda terminado o seu percurso num determinado tempo, esbatendo-se igualmente na memória, o impulso de perpetuar essa experiência levou à utilização de diários. Por outro lado, a descrição da viagem assume um valor testemunhal de particular importância, pois faz a separação entre a realidade e a imaginação fantasiosa. Deve, por isso, a descrição ser a mais fiel e fundamentada possível, permitindo a evocação correcta dos acontecimentos vividos (Anexo 1).

A par da narração literária, o desenho vem favorecer a revelação e a partilha dessas experiências, pois, por mais rigorosa que seja a descrição verbal, esta deixa escapar elementos fundamentais, nomeadamente atributos formais e qualidades sensíveis. Por outro lado, devido à faculdade de representação do desenho, quer do todo da forma, quer dos pormenores, ele pode tornar-se num elemento valioso de estudo.

A complementaridade de linguagens, verbal e visual, faculta a possibilidade ao não-viajante de partilhar as aventuras da viagem como se de uma vivência própria se tratasse. Contudo, a forma de apreensão e registo das realidades vivenciadas contém em si a visão pessoal e o carácter artístico do autor/ desenhador, uma vez que foi ele que participou do encontro com esses lugares. A atitude do desenhador é a do observador que tenta compreender para além das evidências, tendo a coragem de chegar suficientemente próximo do modelo, desencadeando uma colaboração entre ambos. Esta troca, a existir, é revelada implicitamente pelos próprios desenhos.

² CAPELLO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Angola à contra-costa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1886. Vol. 2, p. 187.



Na base desta dissertação estão os cadernos de viagem de Roberto Ivens. Pretende-se portanto analisar os seus desenhos formal e esteticamente, assim como dá-los a conhecer e aferir da sua importância no contexto do desenho de viagem. Os cadernos de viagem referem-se às duas expedições científicas a África descritas posteriormente nos volumes *De Benguela às terras de Iaca*, primeiro, e posteriormente *De Angola à contra-costa*. O autor destes desenhos foi um dos exploradores das expedições que, juntamente com Hermenegildo Capelo e Serpa Pinto, foi convidado a organizar e empreender a incursão ao interior da África Austral, em 1877-1880, e a efectuar a travessia entre Angola e Moçambique, acompanhado nesta última viagem apenas por Hermenegildo Capelo, em 1884-1885. A primeira expedição foi dirigida ao esclarecimento dos efectivos domínios de Portugal sobre o território angolano. A segunda expedição insere-se na política de então que procurava manter as possessões portuguesas existentes em território africano e tentava alargar esse domínio. Portugal sofria na época as pressões dos países europeus que disputavam direitos em África.

Na primeira expedição não foi possível chegar até ao Zaire e fazer o estudo das relações do rio Cuango com este país, um dos grandes objectivos desta viagem. No entanto, embora ficando por cumprir os fins últimos, foram relevantes os resultados científicos do ponto de vista da Geografia e da História Natural.

A segunda expedição foi realizada com sucesso não atingindo contudo a expectativa mais elevada, a de desencadear a união do território existente entre Angola e Moçambique. No entanto, para além de ter contribuído para a definição de fronteiras e levantamento cartográfico, foi de especial interesse o inventário etnográfico realizado, assim como o reconhecimento zoológico, botânico e mineralógico.



1. O desenho de viagem

A viagem é também ela um itinerário de aprendizagens, de expectativas, de deslumbramento e certamente de algum desapontamento. Mas o percurso esgota-se no tempo e na memória, mesmo que o desejo de o manter nítido no presente persista. Daí tenha surgido o impulso de fazer registos no sentido de perpetuar a viagem, tornando o diário num elemento indispensável a transportar pelo viajante. A descrição verbal era passível de reinterpretações fantasiosas, pois retratava elementos que eram estranhos, relativamente aos referenciais interiorizados. Uma única linguagem não seria nunca fiel à situação que se queria transmitir, pelo que desde cedo as linguagens verbal e visual tenham sido empregues complementarmente.

No desenho de viagem recorre-se à utilização de uma gama reduzida de materiais que simultaneamente permite uma simples utilização. A explicação encontra-se no facto de esses materiais terem de ser um recurso permanentemente disponível, versátil e tecnicamente eficaz. Salientamos que quando nos referimos aos materiais, estamos a incluir o caderno de suporte de registos, também ele portátil. Para onde quer que o viajante se desloque, os materiais essenciais ao desenho têm que o acompanhar e de um momento para o outro, sem muito tempo disponível nem condições adequadas, têm que se tornar úteis. O desenho efectuado vai acusar essa debilidade de recursos materiais, técnicos e também expressivos. Pois para além da gama reduzida de materiais, o número de elementos gramaticais está longe de ser numeroso. No desenho de viagem o resultado gráfico é por isso tendencialmente sintético. Detecta-se pois alguma parcimónia no uso da linha, quer na utilização de anotações de textura, quer na sinalização de diferentes valores através de áreas tracejadas. Nos apontamentos de cor são geralmente utilizadas aguarelas.

Mas é exactamente na síntese que está a complexidade do desenho, ou seja, no tornar claro e eficaz os sinais que utiliza. Quanto maior o potencial técnico, maior a dificuldade de dominar na perfeição aquilo que se tem para utilizar. No caso do desenho de viagem, que nasce de um processo mais directo, o desenhador, supostamente, dominará com maior facilidade os procedimentos que tem ao seu dispor.



Mas se por um lado esta natureza sintética está associada ao desenho de viagem, por outro lado ele revela uma grande e diversificada capacidade de registo, tornando-se uma forma privilegiada de representação. O viajante desenhador consegue um grande poder de evocação do objecto desenhado, quer o desenho tenha resultado de um registo rápido e sintético de uma determinada impressão, quer tenha sido originado por um registo mais cuidado se o tempo e disponibilidade o permitiu.

Em ambas as situações e neste tipo de desenho, é-lhe intrínseca a proximidade da razão com a mão. O carácter imediato do desenho de viagem traduz-se no gesto que orienta, quase em simultâneo, o registo que existe inicialmente na mente. A verdade ou liberdade que advém deste imediatismo e que toca por vezes o acidental, confere ao desenho de viagem uma beleza muito própria. Pois o desenho de viagem traduz uma experiência particular, diferenciada significativamente da vida quotidiana. Os momentos retratados são quase sempre singulares e mobilizam as várias dimensões da existência humana do desenhador. As certezas são menos alicerçadas e a expectativa de alguma coisa surpreendente surgir do nada, acompanha permanentemente o viajante.

O viajante/ desenhador é um perscrutador do mundo que o rodeia e aquilo que vai indagando regista-o no seu diário de viagem. Este último torna-se num campo exploratório, numa forma de ensaio para a mão. Mas por se poder cair facilmente num registo falseado de uma realidade que dificilmente se pode testemunhar devido à distância, surge a necessidade de estabelecer regras representativas e que têm especial importância no desenho de viagem, nomeadamente aquele que tem preocupações antropológicas ou científicas. Ainda mais evidente se torna esta necessidade quando constatamos que a representação da realidade desconhecida concentra sobretudo aspectos que constituem estranheza para a cultura referencial do viajante, pois são estes que despertam a curiosidade e o interesse pelo seu estudo e revelação.

Dependendo da orientação da sua atenção e da finalidade daquilo que quer registar, o desenhador optará ainda pela omissão de determinados pormenores considerados secundários ou, pelo contrário, pelo registo realçado dos mesmos, por achar que estes



pormenores devem assumir um valor importante. O desenhador oscilará assim, e segundo Manfredo Massironi³, entre o *enfatismo* e a *exclusão*, mantendo o equilíbrio destes dois contrapesos.

Mas se por um lado, ao desenho de viagem estão associadas regras de objectividade, por outro, ele não pode deixar de revelar a própria personalidade artística e humana do desenhador. Este último, ao registar uma situação está a revelar inevitavelmente um modo de ver ao qual não é indiferente a sua personalidade. O desenho resulta de uma compilação de informação cuja expressão traduz uma selecção e ordenação de determinados elementos.

A abertura dos horizontes favorece a ampliação da própria interioridade do indivíduo. Nada, nesse sentido, é desprezível ao olhar. E o prazer da experiência acumulada conserva despertos os sentidos e a motivação para prosseguir.

Que impressões então experimentávamos! Como parecia belo tudo o que nos cercava! Como nos sentíamos felizes, cheios de vida e saúde em presença de tanta novidade! Que ideias para o futuro! A imaginação representava-nos pintados com as mais vivas cores todas essas regiões da África central, no meio das quais nos íamos achar.

Rios, lagos, montanhas desconhecidas, tudo nos povoava a mente, chegando ao extremo de temer que os diários não fossem suficientemente grandes para comportar tão numerosos apontamentos⁴.

A relação física do viajante desenhador com o local que percorre é evidente e peculiar. Esta relação com o lugar prolonga-se com a projecção do próprio viajante no espaço do desenho. Através da representação é o próprio desenhador que transforma o espaço que observa, passando este por uma selecção pessoal que denuncia as suas escolhas. A presença individual muitas vezes não é visível em todo o detalhe mas o autor

³ MASSIRONI, Manfredo – *Ver pelo desenho*. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 70.

⁴ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Benguela às terras de Iaca*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1996. Vol. 1, p. 56.



está sempre lá, implicitamente, no não desenhado, convidando-nos a oscilar entre o sujeito e o objecto. Esta relação do desenhador com o espaço, para além de implícita, pode mesmo chegar a ser simultaneamente explícita. Exemplo disso são os vários desenhos em que Roberto Ivens se incluiu na própria representação. Esta situação será o testemunho máximo de ter-se estado em determinado lugar (Anexo 12 - Desenho I).

A apreensão do espaço acontece e tem assim correspondência nas formas de representação. Não é apenas o visível que fica registado no diário gráfico, já que às características inerentes ao local fixam-se factores que se prendem com a vivência do espaço, por parte do viajante, e são estes factores: ambientais, individuais e emocionais. Citamos a propósito um pequeno episódio que nos leva a interrogar se não teria já o local invadido o nível dos sentidos e impregnado a pele de Roberto Ivens, permitindo que este tivesse arriscado desenhar parte da paisagem, mesmo percorrida de olhos fechados.

Num momento veio-nos à ideia uma incursão nos domínios da rede, e chamando sorrateiramente os carregadores, depois de meter para a algibeira a fatal caderneta e o lápis, enfiámos para a tipóia, recostando-nos.

Foi uma verdadeira desgraça, porque instantes depois, imaginando viajar em sonho, permitimo-nos cerrar um pouco as pálpebras, a fim de que a ilusão fosse mais completa, resultando sem querer um sono prolongado.

Às duas horas despertámos.

Olhos semiabertos, a boca ressequida como uma sola, reuníamos ideias.

Estávamos numa campina desarborizada, que o sol feria de chapa.

Pássaros, árvores, frescura, basaltos, tudo desaparecera agora!

Da linda paisagem só conservávamos a memória fugaz; da topografia das terras nem uma palavra.

– Ó lá – bradámos –, pára, pára.

E apeando-nos, para descargo de consciência, demos uma descompostura àqueles que nos carregavam!

– Bárbaros, deixaram-nos assim dormir.



– *Vamos, quantos rios passámos, montes, etc.?*

*E de álbum para o joelho, ouvindo e escrevendo, pregámos à ciência uma batota, inventando as curvas da terra percorrida*⁵.

O desenho, que num primeiro momento se constrói com um forte teor identificativo, vai rapidamente apropriando-se do elemento representado, introduzindo uma nova expressão. Regressado da viagem, o desenho oferece-nos o testemunho de um olhar, perpetua a memória, convoca o nosso imaginário e proporciona ao não-viajante participar da aventura da viagem.

*Transportai-vos pela imaginação à África, suponde-vos ao nosso lado, e entrai connosco na senzala que a pena se encarrega de desenhar*⁶.

1.1. O artista repórter

No século XVII ganhou força a ideia de que para se conhecer o mundo era necessário observar o que estava ao redor, com atenção, e registar aquilo que se observava através de desenhos esclarecedores. Surgiram então os naturalistas, homens apaixonados pela natureza, apostados em prescindir do conforto para partirem à procura de lugares mais exóticos a fim de efectuarem o estudo do mundo vegetal, animal e mineral. Reuniam amostras e analisavam-nas em pormenor. Os Museus de História Natural iam surgindo um pouco por toda a Europa e passavam a dispor de colecções organizadas, oriundas destas viagens efectuadas pelos naturalistas⁷.

O século XVIII tinha sido uma época de viajantes ansiosos por conhecer novos lugares e novos costumes. À viagem estava associada a produção de conhecimento. Mais do que conquistar, tornara-se aliciante descobrir e experimentar outras emoções, assim

⁵ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Benguela às terras de Iaca, ob. cit.*, vol. 2, p. 155.

⁶ IDEM, *Ibidem.*, vol. 1, p. 294.

⁷ As missões científicas ao Brasil surgem neste contexto. Frei Cristóvão de Lisboa (1583-1652) que viveu no nordeste brasileiro entre 1624 e 1627 descreveu e desenhou a fauna e árvores do Maranhão. Sobre este assunto vide TAPADAS, Sandra Eugénia Teixeira Alves – *Desenho de História Natural, Análise comparada de desenhos de animais produzidos nas viagens ao Brasil de Frei Cristóvão de Lisboa (séc. XVII) e do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (séc. XVIII)*. Lisboa: [s.n.], 2006. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.



como recolher daí novas informações e dados de acordo com as pesquisas pretendidas. Cresce a curiosidade pelo exótico, por aquilo que é diferente e causa espanto. Nos últimos anos do mesmo século, com o progresso da ciência, as explorações adquirem um carácter mais marcadamente científico, abandonando o empirismo que as caracterizava inicialmente.

Com o despoletar das expedições torna-se comum recorrer ao desenho como forma de fixar visões. O desenho permite um registo directo e rápido daquilo que é observado. Pouco exigente em termos de procedimentos técnicos, podendo até ser bastante austero quanto à economia de materiais utilizados, o desenho era apropriado ao registo *in loco*. Já a fotografia (utilizada no século XIX) implicava procedimentos que teriam que se subordinar às condições meteorológicas, estava sempre dependente da luz natural, era demorada no seu tempo de exposição e implacável com distrações, mesmo que ligeiras.

Estes trabalhos no mato são, porém, muito diferentes dos operados no remanso de um atelier da Europa, e, quando satisfeitos acabavamos de tapar a objectiva, por estar feita a exposição, eis que machina, tripé e artigos relativos, se derrubam, caíndo cada objecto para seu lado⁸.

Por outro lado, a fotografia muito dificilmente permitia (ainda hoje assim é), reunir todos os pormenores optimizados, ou seja, aglutinar num único registo fotográfico um exemplar perfeito, com o ponto de vista mais apropriado, com a luz indicada, e por aí além... Já através do desenho, será possível orquestrar todos estes pormenores reunidos num único exemplar.

Assim, passou a ser usual que da comitiva das expedições fizesse parte um artista desenhador⁹, incumbido de reportar a viagem. O decreto-lei que aprovou a primeira grande expedição científica portuguesa ao interior do continente africano, em 1877, estabeleceu,

⁸ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Angola à contra-costa, ob. cit.*, vol. 1, p. 270.

⁹ As missões científicas ao Brasil que antecedem as expedições científicas a África, e nomeadamente aquela que foi liderada por Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), incluiu dois desenhadores: José Joaquim Freire (1760-1845) e José Codina (?-1791). Sobre este assunto *vide* FARIA, Miguel Figueira de – *A imagem útil*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2001. ISBN 972-8094-36-1.



entre outros pontos, que era imprescindível manter um diário sempre actualizado com registos escritos, desenhos e esboços, para que as informações pudessem posteriormente ser trabalhadas e sistematizadas. Nas instruções dadas pelo governo do reinado de D. Luís aos exploradores nomeados para levarem a efeito a referida expedição, podemos ler:

O estudo das raças, nas suas qualidades mais fundamentais, a relação e a apreciação dos usos e costumes dos povos africanos, do seu estado político, económico e religioso, a elaboração e o apuramento de desenhos e esboços, próprios para facilitarem a compreensão dos factos relatados, formarão ainda parte interessantíssima do material científico, que o país há-de ficar devendo à actual expedição africano-portuguesa.

(...)

O livro de viagem, segundo o modelo adjunto a estas instruções, deverá ser preenchido com a máxima regularidade, ficando ao arbítrio dos exploradores o modo por que o devem fazer, e bem assim o número e amplitude das observações e ensaios experimentais, necessários para tal propósito¹⁰.

Os desenhos realizados serviam posteriormente de modelo na execução das gravuras destinadas a ilustrar os livros e as publicações. Valorizava-se neste tipo de desenho a autenticidade do tema e exigia-se ao desenho a verosimilhança relativamente ao observado. Porém, muitos artistas viajantes não tinham qualquer experiência no desenho de observação feito a partir de modelos vivos. As cópias a que estariam eventualmente habituados a realizar, baseavam-se em estampas e em modelos de gesso. Pretendia-se com este método de ensino alcançar uma destreza que ia no sentido de purificar as formas de acordo com um modelo ideal, baseado na tradição clássica greco-romana. As feições singulares de um indivíduo, por exemplo, não seriam contempladas. Passando à viagem e diante de uma variedade de formas vivas inseridas no habitat natural, os desenhadores viajantes terão sido confrontados com situações que lhes levantaram inúmeras interrogações. Seria pois compreensível que o desenhador não conseguisse evitar criações fantasiosas. No relato que Capelo e Ivens fazem da expedição a África *De Angola à*

¹⁰ MENDES, H. Gabriel – *As origens da Comissão de Cartografia e a acção determinante de José Júlio Rodrigues, Luciano Cordeiro e Francisco António de Brito Limpo: a história política das explorações africanas de Hermenegildo Capelo, Roberto Ivens e Serpa Pinto*. Lisboa: [s.n.], 1982. - Sep. da Rev. do Instituto Geográfico e Cadastral, nº 2.



contra-costa, referem-se à imaginação exagerada que terá levado um artista a representações pouco credíveis.

Foi aqui que vimos primeiro o “Ant. Caama” de que damos desenho. Effectivamente quando em outro tempo nos veiu á mão o livro de Livingstone, traduzido e illustrado no jornal francez o “Tour du monde”, impressionaram-nos de todo o ponto as gravuras relativas a caçadas. As armadilhas gigantes de que o explorador inglez falla no Zambeze, as hecatombes estupendas de não sei quantos animaes caídos n’ellas, pareceram aos nossos olhos tão exagerada, que (sinceramente aqui confessâmos) não soffremos deixal-as passar sem as ter condemnado como devaneio, pelo menos, do artista que fizera os desenhos¹¹!

2. As travessias em África

África, protegida pelas dificuldades de penetração, mantinha o mistério do seu interior. Quando no século XV os portugueses empreenderam o descobrimento das costas africanas, depararam com essa dificuldade. Mas, sucessivamente, foram atingindo e desvendando os grandes reinos africanos. Durante o século XVI foram muitos os portugueses que efectuaram diversas campanhas na África Austral, entre eles, os nomes de Paulo Dias de Novais, Baltasar Rebelo de Aragão e Garcia Mendes Castelo Branco. Um século depois do início dos descobrimentos já se tinha uma ideia completamente diferente da configuração do continente africano. Contudo, a impossibilidade da determinação correcta das longitudes iludiu durante muito tempo acerca da verdadeira largura de África.

Até meados do século XVII, praticamente todas as notícias sobre o interior de África que se espalharam pelo resto do mundo, foram obtidas pelos portugueses. Estes tinham-se instalado progressivamente em Angola. Havia os que habitavam no mato, a que também se chamava sertão, e que se dedicavam ao comércio. Circulavam pelas terras em redor na companhia de africanos que lhes serviam de guias, de carregadores e de

¹¹ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Angola à contra-costa, ob. cit.*, vol. 1, p. 391/392.



intermediários nas transacções comerciais. Estes portugueses eram os sertanejos¹². Os pombeiros¹³, igualmente dedicados ao comércio, eram homens africanos. Conheciam muitos caminhos através do mato e tinham contactos amistosos com chefes das mais diversas tribos. Além de trabalharem por conta própria, os pombeiros também aceitavam chefiar as caravanas dos sertanejos, sobretudo nas zonas onde os chefes não autorizavam a passagem de homens brancos. As caravanas dos sertanejos e dos pombeiros foram desbravando algumas zonas do interior de África. Alguns deles registaram em diários as impressões sobre as viagens, tomando notas a respeito dos percursos, rios e florestas. Não sendo rigorosas, pois os sertanejos e pombeiros não tinham preparação científica, estas notas forneciam algumas informações úteis.

É com a expedição de Leitão e Grisante, a partir do Cuanza, já no século XVIII, que se ganha consciência da real dificuldade da travessia. É ainda nos finais do século XVIII e até inícios do século XIX, que o naturalista Joaquim José da Silva empreende expedições às savanas e rios de Angola (fazendo-se acompanhar por um dos assistentes, o artista José António). Igualmente nos finais do século XVIII o matemático/naturalista Galvão da Silva realiza expedições científicas em Moçambique (também acompanhado por um artista, António Gomes). Em finais deste século, o cientista Lacerda e Almeida empreende aquela que foi a primeira expedição portuguesa preparada com algum rigor científico. Partiu de Tete e atingiu o reino de Cazembe. Mas a tentativa acabou por fracassar com a morte do explorador em pleno sertão. No entanto, o esforço não foi em vão. Além da qualidade dos registos científicos contidos no seu diário, Lacerda deixou atrás de si uma imagem de homem íntegro, honesto e respeitador. Esta sua reputação e prestígio facilitaram a incursão dos viajantes que se seguiram.

A primeira travessia de África, de Angola a Moçambique, foi realizada pelos pombeiros Pedro João Baptista e Amaro José. Estes pombeiros, como já referimos anteriormente, eram negros destribalizados e assimilados pela cultura portuguesa, mandados para estas viagens por motivos comerciais. Partiram eles de Angola em 1802 e

¹² Silva Porto (1817-1890), de seu nome verdadeiro António Francisco Ferreira da Silva, tornou-se o mais estimado e mais famoso sertanejo do seu tempo.

¹³ De *pombe* – s.m., negociante ou emissário de negociante que atravessa os sertões comercializando com os indígenas.



efectuaram uma longa e atribulada travessia até Moçambique. Por diversos motivos, incluindo guerras entre as populações do interior, viram-se obrigados a fazer demoradas paragens. Quando finalmente chegaram a Tete, em 1811, tinham passado oito anos! Estes homens não tinham preparação para fazerem o estudo geográfico das regiões que atravessavam, nem tinham essa intenção, mas elaboraram um diário que permitiu identificar o itinerário da viagem. Este diário que escreveram foi publicado em 1843 e traduzido para inglês. As indicações nele contidas foram de uma utilidade indispensável para as primeiras viagens científicas, já que serviram de base para a realização do planeamento das mesmas. Em 1831 foi organizada uma outra expedição com interesses comerciais, organizada a pedido do rei do Cazembe. A expedição foi chefiada pelos portugueses Correia Monteiro e Pedroso Gamito. Este último fez anotações exaustivas sobre o percurso. Escreveu sobre o contacto que ia estabelecendo com as tribos locais, à medida que ia satisfazendo a sua curiosidade por essas vivências desconhecidas. A expedição acabou por não ser bem sucedida, restando como maior riqueza os textos do diário.

Cerca de quarenta anos após a primeira travessia de África entre Angola e Moçambique, Silva Porto, comerciante residente em Belmonte, no Bié, viajou em 1853 até ao Barotze e dali expediu para Moçambique os seus pombeiros juntamente com mouros de Zamzibar. Estes homens alcançaram a costa oriental um pouco a norte da foz do Rovuma (rio que faz fronteira entre a Tanzânia e Moçambique), completando-se assim a segunda travessia entre Angola e Moçambique.

Entretanto, em 1652, já os holandeses tinham-se instalado na África do Sul. A partir do século XVIII, além dos portugueses e holandeses começam a aparecer viajantes de outros países europeus.

As grandes potências europeias interessam-se por África e fundam-se as sociedades de geografia que fomentam a investigação e promovem as explorações. Portugal, embalado na ilusão dos seus direitos históricos, não acompanhou este movimento e acabou por ver o território ser atravessado pelas expedições científicas estrangeiras.

Em 1853 encontram-se no Barotze (fronteira com o Sueste de Angola) o explorador inglês Livingstone e o português Serpa Pinto. Este último ofereceu-se para acompanhar o



explorador Inglês até ao Bié, mas a sua companhia foi recusada. Livingstone dirigiu-se para Luanda e dali partiu, em 1854, para Quelimane, onde chegou em 1856, realizando assim, efectivamente, a primeira travessia de África com carácter científico.

Serpa Pinto, Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens partem para Luanda, em 1877, para dirigirem uma expedição. *O desconhecido encanta sempre o espírito um tanto aventureiro, e a África, tão problemática ainda em muitos pontos, é a terra que mais favoravelmente o inspira*¹⁴, escreveram os exploradores H. C. e R. I.. Depois de iniciada a incursão por África, os exploradores dividem-se: enquanto Capelo e Ivens partem para a exploração do interior de África, Serpa Pinto tentou fazer a travessia de Angola a Moçambique. Não o conseguiu como o pretendido, mas chegou a Pretória, e posteriormente a Durban, na costa do Índico. No início da sua viagem encontra o explorador americano Stanley. A descrição que Serpa Pinto efectuou da sua travessia com o título *Como eu atravessei a África* foi publicada em português e inglês. Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens, respeitando o trajecto estipulado, efectuaram uma longa e difícil exploração pelo interior que os levou às terras de Iaca, extensa região de Angola que se estende entre os paralelos 5º e 7º ao Sul do Zaire. O relato desta viagem efectuado pelos dois exploradores foi publicado com o título *De Benguela às terras de Iaca*.

A estas viagens seguiram-se as de outros exploradores com destaque para o inglês Cameron e o francês Brazza.

Em 1884 partem de novo para Angola Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens, a fim de empreenderem a expedição até à costa de Moçambique, aquela que viria a ser descrita no livro *De Angola à contra-costa*. Segundo as instruções que lhes foram transmitidas levaram como objectivos: encontrar um caminho comercial entre Angola e Moçambique; estabelecer as relações hidrográficas do Zaire e do Zambeze; explorar a região dos rios Cubango e Cuando a oeste do Barotze e a região entre o lago Bangueolo e o Zambeze.

¹⁴ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Benguela às terras de Iaca, ob. cit.*, vol. 1, p. 273.



3. Portugal e a defesa das possessões em território africano

África, durante muito tempo impenetrável, aparece nos meados do século XIX como recurso da Europa, na tentativa desta em controlar fontes de matérias-primas e obter mercados. Em simultâneo, e não alheado desta tendência, desponta, também na Europa, um grande movimento de interesse científico. Só tardiamente os responsáveis pelo governo de Portugal se aperceberam do real alcance deste movimento e da importância que as viagens de reconhecimento científico e cartográfico tinham no resguardo dos seus interesses em relação à África Central.

Na Conferência Geográfica de 1876, na Bélgica, tentava-se ignorar os direitos portugueses sobre terras africanas. Da Conferência sobre África, de Berlim, em 1884-85, saiu uma nova disposição que sublinhava que as determinantes históricas não constituíam título bastante para haver direito sobre um território. Era necessário nele exercer soberania efectiva. Esta disposição fazia com que os direitos históricos de Portugal sobre o território africano deixassem de ser argumentos decisivos. Portugal teria então que ocupar as terras para o exercício de uma efectiva soberania. A corrida a África por estados europeus, na tentativa de aí se estabelecerem, levou a que Portugal adoptasse uma política de defesa das possessões e dos direitos por terras africanas. E para a valorização das terras do ultramar tornava-se necessário conhecê-las do ponto de vista científico. Foi o que o governo português promoveu, estimulado pela Sociedade de Geografia.

As tentativas de ligar as possessões portuguesas da costa atlântica com as possessões do Índico, projecto já antigo¹⁵, começaram a aproximar-se duma concretização. Por outro lado, a perda do Brasil, por este ter-se tornado independente, em 1822, leva paralelamente a um desejo de recuperar território que compensasse a extensa possessão perdida. Só a união das regiões de Angola às de Moçambique, transformando-as num imenso território, o poderia conseguir.

Em Junho de 1876 a recém criada Comissão Central Permanente de Geografia¹⁶, dirigiu ao rei D. Luís uma representação que iria recomendar a organização de uma

¹⁵ Dr. Lacerda e Almeida, notável astrónomo, partira para Tete já em 1798, num esforço de ligar as duas costas.

¹⁶ A Comissão veio a integrar a Sociedade de Geografia de Lisboa, esta última criada oficialmente em 29 de Janeiro de 1876, com base num projecto de Novembro anterior.



expedição africana. Em Dezembro do mesmo ano seguiu-se uma nova representação orientada no mesmo sentido, desta vez da parte da Sociedade de Geografia de Lisboa. Em Abril de 1887 o governo foi autorizado a organizar a expedição proposta. Logo no mês seguinte, a mesma Comissão de Geografia escolheu, entre voluntários, os exploradores a enviar.

As duas expedições de Capelo e Ivens que se vieram a realizar inseriram-se nesta linha de continuidade, quer no aspecto de explorar terras e de estabelecer contactos com povos que se pretendia que ficassem sob a soberania de Portugal, quer na tentativa de integrar a ligação da costa atlântica com a do Índico, alcançando o que seria o sonho do Mapa Cor-de-Rosa (Anexo 2).

4. Roberto Ivens (biografia breve)

Roberto Ivens era um homem expansivo e exuberante. A sua personalidade, caracterizada pela vivacidade, generosidade e coragem, revelava um espírito atento e uma inteligência arguta. O seu carácter impressionável denunciava uma atitude elegante e desembaraçada. À sua roda espalhava alegria, mesmo no meio de circunstâncias difíceis. A sua vivacidade revelou-se desde o início da sua vida escolar. Os colegas de escola apelidaram Roberto Ivens de *Roberto do Diabo*¹⁷. Este foi sempre um aluno aplicado e de compreensão fácil. Revelou desde cedo uma individualidade muito ousada e intrépida. De grande loquacidade, as frases acudiam-lhe com uma destreza e correcção fora do vulgar.

Roberto Ivens, filho de pai inglês, Robert Breakspeare Ivens, e mãe portuguesa, Margarida Júlia de Medeiros Castelo Branco, nasceu em Ponta Delgada (Açores) a 12 de Junho de 1850. William Ivens, avô paterno de Roberto Ivens, natural do condado de Oxfordshire (Inglaterra), estabelece escritório em Ponta Delgada no ano de 1800. Dedicava-se à exportação de laranja para vários países europeus, incluindo a Rússia, e

¹⁷ SILVA, Miguel Soares da – Roberto Ivens: o homem, a vida. Ponta Delgada: Centro de Apoio Tecnológico à Educação, 1996. p. 61 (nota do autor do livro: “O epíteto terá, eventualmente, uma ligação cultural com a ópera de Eugène Scribe, *Robert le diable*, com música do Maestro Meyerbeer, em tradução portuguesa para a representação no Real Teatro de D. Carlos com o título *Roberto do diabo*”).



principalmente para Inglaterra (o principal consumidor). Foi vice-cônsul do seu país e cônsul da Rússia. O seu filho, oriundo de uma família de ascendência inglesa, rica e abastada, irá relacionar-se com uma rapariga micaelense oriunda de uma brasonada família da baixa nobreza, mas entretanto caída na pobreza. Desta relação nascerá um primeiro filho, Roberto Ivens. Tinha a sua mãe dezoito anos de idade. Robert Breakspeare Ivens, pai de Roberto Ivens, nunca abandonou a mãe do seu filho, de quem virá a ter um outro descendente, Duarte, mas também nunca assumiu perante a sociedade de então a sua união amorosa. Por essa razão Roberto Ivens será registado como filho de pais incógnitos. O seu baptismo foi feito em secretismo com o objectivo de encobrir as circunstâncias do seu nascimento, evitando assim a crítica da sociedade. O pai de Roberto Ivens levará mais dois anos a vencer o receio da crítica em virtude de preconceitos sociais. Aconselhado por um primo e compadre seu, Paulo de Medeiros, e quando prestes a nascer o seu segundo filho (a 31 de Agosto de 1852), apressou-se a reconhecer a paternidade encoberta em 1850, contudo, o nome de Margarida Júlia de Medeiros Castelo Branco, mãe de R.I., continuará a ser oficialmente ocultado. A 30 de Julho de 1852, ficou registado que Roberto Ivens era filho de Robert Breakspeare Ivens, solteiro, negociante e de mãe e avós maternos “não declarados”. Que embora tenha sido baptizado como filho de pais incógnitos, era agora reconhecido pelo pai.

Numa tentativa de dar um cunho legal ao nascimento de Roberto Ivens, vários autores, desde então, atribuíram-lhe como mãe Luísa Borralho, uma senhora respeitada socialmente e de esmerada educação. Apesar de tal intenção, a verdade é que até meados do ano de 1852, Roberto Ivens foi tido oficialmente como filho de ninguém.

Roberto Ivens cresce na companhia de D. Margarida e da tia até à idade de três anos, altura em que perde a mãe que morre de tuberculose em 1853, com 21 anos de idade. Em 1858, com oito anos, e juntamente com o seu irmão, Roberto Ivens vai viver com o pai. Este último, casado de novo com Luíza Borralho após a morte da mãe de Roberto Ivens, tinha passado a residir em Faro, onde se dedicava à exportação para Londres de cortiça, figos e produtos regionais. O pai de Roberto Ivens faz uma petição ao rei D. Pedro V para que o filho fosse admitido na Marinha. A resposta de 18 de Julho de 1861 informa que R.I. pode ser admitido a Aspirante de 3ª classe sem favor pois tinha já onze anos e um



mês. A partir do último trimestre desse ano, R.I. inicia o plano de estudos secundários e específicos na Companhia de Guarda-Marinha. Concluírá os estudos da Escola Politécnica a 12 de Outubro de 1869 e com 17 anos de idade assenta praça como Aspirante Extraordinário na Armada. Conclui o curso em 1871, ainda com vinte anos de idade, conseguindo as mais elevadas classificações. Nesse mesmo ano passa a fazer parte da Escola Prática de Artilharia Naval e em Setembro parte para a Índia na Corveta Estefânia, onde é feito Guarda Marinha. Em 1872 inicia os seus primeiros contactos com Angola. Em 1875 faz exames para Segundo Tenente e em Abril do mesmo ano segue na Corveta Duque da Terceira, a auxiliar a guarnição de S. Tomé Príncipe, e daqui para os portos da América do Sul. Regressando em Abril de 1876, parte no mesmo mês para Filadélfia, a fim de transportar os produtos portugueses para a Exposição Universal naquela cidade. Ao chegar a Lisboa soube da expedição destinada a explorar os territórios entre as províncias de Angola e Moçambique, disponibilizando-se para dela tomar parte. Enquanto a expedição não se inicia pede para estar ao serviço na estação naval de Angola, aproveitando esta estadia para fazer vários reconhecimentos, nomeadamente do rio Zaire¹⁸. Por Decreto de 11 de Maio de 1877 é nomeado para compor e dirigir a referida expedição e em virtude desta nomeação é promovido a Primeiro Tenente (Anexo 3). De 1877 a 1880, juntamente com Hermenegildo Capelo e, em parte, com Serpa Pinto, ocupar-se-á então da exploração científica ao interior de África. No regresso é condecorado com a Ordem Militar de S. Tiago pelo mérito científico, militar e artístico. Juntamente com Hermenegildo Capelo descreve a viagem desta expedição em dois volumes intitulados *De Benguela às terras de Iaca*.

Em 19 de Abril de 1883 é nomeado vogal da Comissão encarregue de elaborar e publicar uma colecção de cartas das possessões portuguesas ultramarinas.

O parlamento português aprova uma nova viagem de exploração que completa a primeira na ligação entre os Oceanos Atlântico e Índico. Para esta expedição, *De Angola à contra-costa*, são nomeados mais uma vez Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens. Finda a expedição e após o regresso dos exploradores a Portugal, iniciam-se as recepções e

¹⁸ A partir de 1997 passou a designar-se rio Congo.



celebrações em honra dos dois heróis nacionais. São homenageados igualmente pelas Sociedades de Geografia de diversos países.

As doenças contraídas em África atormentariam Roberto Ivens até ao fim da sua vida breve.

Roberto Ivens presta colaboração cartográfica na Sociedade de Geografia de Lisboa e executa trabalhos relacionados com África, sobretudo Angola, no Ministério da Marinha e Ultramar.

Em colaboração com o amigo e companheiro Hermenegildo Capelo, para além de redigir a maior parte dos dois volumes *De Angola à contra-costa*, escreve igualmente um outro livro em 1889 intitulado: *Quelques notes sur l'établissement et les travaux des portugais au Monomatapa*. A amizade entre os dois permanecerá firme até à morte de Ivens.

Roberto Ivens colabora na constituição do Instituto Ultramarino, em 1891 do qual viria a ser vogal da Direcção.

Entretanto o rei continuava a distinguir Roberto Ivens. Depois de ter sido nomeado Oficial-às-Ordens da Casa Militar d'el-Rei D. Carlos, em 1890, é transferido deste último cargo para o de Ajudante de Campo, em 1893. Em 1895, num Decreto de 17 de Outubro, é nomeado secretário da Comissão de Cartografia, cargo que manterá até ao ano seguinte. O topo da sua carreira na Marinha era alcançado a 7 de Dezembro de 1895, com a promoção a Capitão de Fragata.

Roberto Ivens manteve-se sempre activo em vida, até que uma dupla pneumonia, à qual não conseguiu resistir, tirou-lhe a vida em menos de uma semana. Tinha então perto de quarenta e oito anos de idade. Morreu a 28 de Janeiro de 1898. Deixou esposa e três filhos.



5. A instrução naval e as sucessivas reformas¹⁹

Em Portugal, o ensino das ciências navais orientado para a instrução dos indivíduos destinados aos serviços da marinha militar, só começou a organizar-se com regularidade a partir da segunda metade do século XVIII. Em 1779 cria-se em Lisboa um estabelecimento público de instrução com o nome de Academia Real de Marinha. Era uma faculdade de ciências matemáticas, puras e aplicadas, cujo curso se completava em três anos. O terceiro e último ano era dedicado à arte de navegar teórica e prática. Esta instituição passou a designar-se Academia de Marinha e servia de centro de estudos para diversas carreiras, tanto militares como civis.

Em 1782 e dando seguimento a uma primeira ideia de Marquez de Pombal, foi criado um corpo militarmente organizado com o nome de Companhia dos Guardas Marinhas, como núcleo dos futuros oficiais de mar. Para sede da nova companhia foi destinada a grandiosa Sala do Risco²⁰, recentemente construída no Arsenal da Marinha. Ali tinham as praças da companhia os seus exercícios militares e instrução naval, passando a frequentar as aulas da Academia de Marinha, a qual foi transferida em 1792 do Colégio dos Nobres para o mesmo arsenal. Mas não tardou que se julgasse necessário criar para os guardas marinhas um estabelecimento especial de instrução, e em 1796 organizou-se a Academia Real dos Guardas Marinhas. O curso tinha a duração de três anos que se distribuíam da seguinte forma:

¹⁹ As informações relativas à organização escolar e estrutura dos cursos tiveram como fontes:

EÇA, Vicente M. M. C. Almeida de – *Nota sobre estabelecimentos de instrução naval em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.

BASTO, José Maria da Silva, coord. – *Repertório das ordens da Armada, 1869-1880*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1882. Livro 3, Parte I, Vol I.

²⁰ O nome deve-se ao facto desta sala ter sido destinada a receber no seu pavimento os *riscos* que viriam a dar origem a modelos de madeira e, mais tarde, às embarcações. A sala do Arsenal, com 80 por 20 metros, era o coração de todo o processo de construção naval.

Os seguintes nomes, *Sala do Risco* e *Casa do Risco*, foram atribuídos a diferentes locais e em diferentes datas, a espaços que mantiveram em comum o facto de terem estado relacionados com actividades que recorriam ao desenho. A título de exemplo referimos três espaços:

A *Aula do Risco do Paço da Ribeira*, criada por Filipe II, em 1594, para dar formação arquitectónica;

A *Casa do Risco de Lisboa*, criada pela Junta de Obras Públicas para execução das plantas necessárias à reconstrução da cidade após terramoto de 1755;

A *Casa do Risco do Real Jardim Botânico da Ajuda*, criada em 1780 com o objectivo de apoiar as expedições filosóficas, desenhando os exemplares enviados do mundo natural e copiando/ completando os desenhos realizados em viagem.



1º ano – Aritmética, geometria e trigonometria recta com o seu uso prático mais apropriado aos oficiais do mar; aparelho.

2º ano – Princípios de álgebra até às equações do segundo grau inclusive; primeiras aplicações destas à aritmética e geometria; secções cónicas e a mecânica com a sua aplicação imediata ao aparelho e à manobra; desenho de marinha e rudimentos sobre construção dos navios.

3º ano – Trigonometria esférica; navegação teórica e prática; rudimentos de tática naval; continuação do desenho; rudimentos de artilharia e exercícios de fogo; tática militar e artilharia prática.

Coexistiram assim estas duas Academias (a Academia de Marinha e a Academia Real dos Guardas Marinhas), passando por vários episódios históricos que se vieram a reflectir na instrução naval, até que, em 1835 e já no regime liberal, surge a ideia de reunir num estabelecimento único, denominado Instituto das Ciências Físicas e Matemáticas, todas as escolas ou cadeiras dessas ciências existentes ou a criar em Lisboa. Tal projecto não teve seguimento, mas acabou por promover em parte a transformação por que passaram as duas Academias referidas anteriormente. Em 1837 extingue-se a Academia de Marinha, substituindo-se pela Escola Politécnica; oito anos depois a Academia dos Guardas Marinhas, já sem o título de real, transforma-se na Escola Naval. Esta última, formada em 1845, destinava-se a completar o curso de marinha dos alunos já habilitados com os respectivos estudos preparatórios, de dois anos, na Escola Politécnica. Como aspirantes de 3ª classe os alunos frequentavam o curso preparatório na Escola Politécnica, o qual abrangia os primeiro e segundo anos de matemática, as primeiras partes de física e química e os dois primeiros anos de desenho; sendo neste curso aprovados, passavam à 2ª classe e frequentavam a primeira e segunda cadeiras da Escola Naval; aprovados nestas, passavam à 1ª classe, concluía os estudos na Escola Naval, e tendo um ano de embarque, eram promovidos a guardas marinhas.

O curso da Escola Naval era de dois anos, e constava das cinco cadeiras seguintes:

1ª cadeira – Elementos de mecânica, astronomia esférica e náutica;



2ª cadeira – Princípios de óptica, construção e uso dos instrumentos de reflexão, prática das observações astronómicas e dos cálculos mais úteis na navegação, feitura de uma derrota completa;

3ª cadeira – Artilharia teórica e prática, princípios de fortificação provisional, geografia e hidrografia;

4ª cadeira – Elementos de arquitectura naval, seu correspondente desenho e o das principais máquinas empregadas nos navios e nos portos²¹;

5ª cadeira – Aparelho e manobra, princípios da táctica naval.

Em 1864 procede-se à segunda organização da Escola Naval. A Escola passou a ter três cursos: o primeiro para oficiais da marinha militar; o segundo para engenheiros navais; o terceiro para pilotos dos navios mercantes. O quadro das disciplinas foi ligeiramente alterado. Embora o número de cadeiras permanecesse o mesmo, aparece como especialização o ensino da teoria do navio e seus movimentos, e o das máquinas a vapor e sua aplicação à locomoção dos navios.

Devido às circunstâncias políticas e financeiras da época, introduziram-se modificações na organização da Escola Naval que visavam principalmente a redução de despesas. Surge então no ano de 1868 a terceira reforma. Embora as alterações introduzidas no plano de estudos tenham sido reduzidas, foi criado um novo curso, o de engenheiros maquinistas e destinava-se a dar adequada instrução técnica a uma classe auxiliar que surgia como consequência do progresso da construção. Um ano mais tarde passa a fazer parte da organização da Escola o ensino desenvolvido da hidrografia.

A Escola Naval, sucessora da antiga Academia dos Guardas Marinhas, destinava-se primeiro a ministrar instrução técnica aos oficiais de marinha, exclusivamente, tendo sido depois ampliado o quadro dos seus estudos, por modo a facultar instrução também aos construtores, aos maquinistas e aos hidrógrafos. Mas restavam ainda outras classes dos serviços navais que não tinham instrução na Escola, pelo que as reformas sucederam-se.

²¹ A título de curiosidade mencionamos o nome do responsável pela 4ª cadeira – João Maria Reynaud de Sampaio, primeiro ajudante de construção.



No Livro de Mestre (B) dos Oficiais da Marinha Militar, na folha 28²², podemos ler que Roberto Ivens completou o curso preparatório da Marinha na Escola Politécnica em 12 de Julho de 1869; e o da Escola Naval em 26 de Junho de 1871, com elevadas classificações. De acordo com as informações anteriores, Roberto Ivens terá frequentado a Escola Naval enquanto esta se organizou segundo a terceira reforma.

5.1. O lugar do desenho na instrução naval

A Escola Politécnica de Lisboa, estabelecida por reconversão do Real Colégio dos Nobres, tinha como objectivo a formação preparatória de futuros engenheiros militares e civis, oficiais de marinha e artilharia, engenheiros construtores da marinha, e ainda cursos de medicina, comércio, agricultura, ciência de marinheiro e de estudo de artes e ofícios. Podemos constatar que no seu plano de estudos estava incluída, entre outras disciplinas, a de Desenho. O ensino do desenho, com a finalidade de formar marinheiros, esteve sempre presente no plano de estudos relativos à instrução naval. Tal organização ia de encontro, aliás, aos princípios estipulados pela reforma dos Liceus levada a cabo em 1860 por Fontes Pereira de Melo que no Artº 3º, explicita dever ser o “Desenho linear convenientemente desenvolvido; os princípios gerais do Desenho de figura, de plantas, de animais, e de quaisquer outros produtos da natureza, e da representação de instrumentos, máquinas, e aparelhos”²³.

Antes do curso preparatório de dois anos da Escola Politécnica, os alunos marinheiros tinham um plano de estudos com a duração de três anos. Em cada um deles a instrução subdividia-se em: instrução profissional do marinheiro da armada, instrução militar, e instrução literária. Esta última organizava-se ao longo do curso da seguinte forma:

²² Arquivo Geral da Marinha – *Comandante Roberto Ivens*. Livro-Mestre (livro B), p. 28.

²³ HENRIQUES, Cidália Maria da Cruz – *O ensino do desenho em Portugal no séc. XIX: uma planificação de execução problemática*. Porto: [s.n.], 1998. Tese de Mestrado apresentada à Universidade Portucalense Infante D. Henrique.



1º ano (instrução primária/ primeira parte) – Leitura e caligrafia; sistema de numeração e as quatro operações sobre inteiros; moeda portuguesa, sua representação em números (reis); princípios do sistema métrico-decimal, especialmente aplicado à medida das rações de bordo; definições de linha recta e curva, ideia de ponto, círculo e circunferência, suas divisões; ângulos; leitura das indicações no mostrador de um relógio; simultaneamente com esta instrução ensinava-se aos alunos a doutrina cristã e princípios de moral e civilidade.

2º ano (instrução primária/ segunda parte) – Continuação da leitura e caligrafia; ortografia; princípios de gramática portuguesa; elementos de história portuguesa, principalmente a marítima; cartografia portuguesa continental e colonial; as quatro operações, sobre quebrados, decimais e complexos; (*) regra de três e de companhia; linhas perpendiculares e oblíquas, linhas paralelas; triângulos; polígonos; prismas, cilindros e pirâmides; esfera, linhas e círculos da esfera, linhas do círculo; sistema métrico-decimal.

3º ano (instrução primária/ terceira parte) – (*) Princípios de análise gramatical; noções muito sucintas sobre geografia física, política, matemática e cronologia; conhecimento de moeda das principais nações marítimas; noção algébrica; (*) avaliação de áreas e volumes; (*) linhas trigonométricas e fórmulas para a resolução dos triângulos rectilíneos; (*) princípios de desenho linear.

Não constituíam matéria obrigatória do curso as partes que estão precedidas por um asterisco (*). O ensino dessas matérias era facultativo para aqueles alunos cujo desenvolvimento intelectual lhes permita aproveitarem essa instrução.

O plano de estudos da Escola Naval era constituído por nove cadeiras, fazendo parte da 4ª, 5ª e 6ª cadeiras, a prática do desenho hidrográfico, naval e desenho de máquinas, respectivamente.

O ensino prático ministrado na Escola abrangia doze tipos de exercícios e trabalhos. Destes exercícios fazia parte, por exemplo, o uso de instrumentos náuticos e



meteorológicos, assim como exercícios de cálculo, de astronomia e navegação. Mas os três primeiros exercícios mencionados referem-se à área do desenho e são:

- 1º – Desenho hidrográfico e levantamento de plantas;
- 2º – Desenho de máquinas;
- 3º – Desenho de arquitectura e construção naval.

Dos seis cursos professados na Escola Naval, as cadeiras que incluíam o desenho eram ministradas em três deles: nos I, III e VI cursos. Contudo, nos restantes cursos eram exigidos determinados requisitos, sendo o estudo preparatório da geometria descritiva, assim como a topografia e desenho correspondente, necessários para a admissão no II curso. O 4º curso da Escola Politécnica (menos a segunda parte da geometria descritiva) era requisito obrigatório para a admissão no III curso. Para o VI curso era exigida a frequência preparatória de geometria descritiva assim como de desenho linear e de ornato.

Do corpo do pessoal docente da Escola Naval faziam parte nove professores, um para cada uma das cadeiras, como tal, com experiência na área do desenho, eram três os professores:

- um professor de desenho hidrográfico,
- um demonstrador de construção naval e seu desenho e
- um demonstrador de máquinas e seu desenho.

A Escola, no arsenal da marinha, tinha duas salas destinadas ao desenho. Em armários envidraçados encontravam-se diversos modelos das colecções de ensino. Longe de se poder considerar completas, na altura, o mais indispensável ia-se obtendo.

No ensino prático os diversos exercícios, cálculos e desenhos, eram feitos pelos alunos em grupo ou individualmente, conforme o exigia a natureza desses trabalhos.

Nos exames finais, conforme a natureza das cadeiras, eram apresentados e avaliados os desenhos feitos durante o ano.



Das instruções mandadas adoptar na inspecção à Companhia dos Guardas Marinhas, primeiro, e posteriormente à Escola Naval (decretadas por portaria), fazia parte certificar se o ensino prático era dado com regularidade, e se satisfazia os fins a que se propunha. Para tal inspecção sugeria-se que fossem vistos os desenhos e se assistisse à execução dos exercícios. Era igualmente pedido que se inspecionasse se as aulas práticas possuíam os modelos, armamentos e mais objectos necessários à conveniente instrução, e se estes se achavam bem conservados e dispostos.

Fazia parte das obrigações do conselho escolar da instituição de ensino requisitar ao governo a compra de livros, desenhos, modelos e instrumentos que se julgasse necessários para a instrução ministrada na escola e para habilitação dos seus oficiais.

Com a criação do ensino liceal, em 1836, o desenho foi incluído desde logo no plano de estudos, se bem que anexado aos programas de aritmética, álgebra, geometria e trigonometria. Mais tarde, em 1844, o desenho deixa de ser expressamente referido e é tido como suporte das ciências e do pensamento racional, em particular na ligação a conteúdos de matemática, pela via da geometria. O desenho geométrico era o eixo central do desenho liceal oitocentista. Embora esta aprendizagem do geométrico não visasse a profissionalização imediata, era como um pré-requisito de acesso ao ensino superior. Já a este nível, o desenho passava a estar ancorado na utilidade social e autoridade científica. Os conteúdos do desenho eram ajustados a cursos específicos, abrangendo assim a representação de plantas e animais na aplicação da biologia; aplicações arquitectónicas; aplicação à construção naval; cartas topográficas; extensões ao desenho industrial. O ensino do desenho na instrução naval segue esta preocupação.

Mas a necessidade de autonomia e defesa do território do desenho irá afastá-lo da matemática, impulsionado por futuras reformas. Mas porque estas são posteriores à época em que Roberto Ivens concluiu o seu currículo escolar, não abordaremos a temática para além deste período circunscrito.



Constatamos simplesmente que o desenho estava demasiado arreigado à geometria, e era sobretudo o desenho geométrico que se praticava e aplicava. O desenho de observação que era exigido e executado no interior tinha objectos como modelos.

Foi neste contexto que terá estudado Roberto Ivens. Aluno estudioso e inteligente, procurando aperfeiçoar sempre os seus conhecimentos do ofício. Já como oficial da marinha, exercitava-se principalmente em cálculos, tornando-se um observador exímio. Para além destas qualidades, Roberto Ivens demonstrava uma habilidade notável para o desenho.

Um colega seu, Alfredo Maia, testemunha um episódio revelador dessa sua capacidade combinada com o seu apurado humor. O episódio decorre em 1871 durante uma viagem a bordo da Estefânia, na qual navegavam rumo a Goa.

Num certo momento determinava Roberto Ivens a posição de um baixo e tratava de o desenhar no papel, quando entrou um praça de armas um barbado tenente, cuja figura e palavras eram a perdição das filhas de Eva, um perigo verdadeiro e constante para elas...

O Ivens viu-o, sabia de onde ele vinha e, no lugar do baixo, pintou uma boa caricatura do nosso tenente, escrevendo em vez do nome – Dangerous shoal²⁴.

6. As expedições científicas portuguesas a África

Como consequência do esforço empreendido por Portugal na defesa do território que possuía em África, foram autorizadas as duas expedições científicas portuguesas ao continente africano: a primeira realizada em 1877-1880 e a segunda em 1884-1885 (Anexo 4).

²⁴ MAIA, Alfredo – *A Patria honrae que a Patria vos contempla: biographias de Hermenegildo Capello e Roberto Ivens*. Lisboa: [s.n.], 1880, p. 5.



Os exploradores levavam como missão a de desvendarem as zonas desconhecidas do continente africano e trazerem notícias fidedignas sobre os mistérios que ainda ninguém conseguira decifrar ao certo, como por exemplo: onde nasciam e desaguavam certos rios, como eram e como se organizavam as populações, que espécies do mundo animal e vegetal povoavam aquelas terras.

Referimos a propósito do conhecimento dos rios que desde sempre fez parte do roteiro dos exploradores, que a determinação da nascente do Nilo era um desafio que ao longo dos séculos havia escapado aos mais hábeis exploradores. David Livingstone²⁵, já na casa dos cinquenta, em 1866, estava prestes a iniciar a expedição mais ambiciosa da sua carreira: determinar, de uma vez por todas, o local da nascente do Nilo. Ele estava determinado a só deixar África quando tivesse resolvido esse grande mistério geográfico. A sua expedição já levava sete anos... Livingstone não chegou a deixar África, com vida, mas também não chegou a descobrir o que tanto ambicionava. Morreria aos 60 anos sem saber onde nascia o Nilo.

Retomemos o assunto inicial deste capítulo. Era necessário um estudo feito no campo, para se ter do meio africano uma noção científica exacta. Mas para além do interesse pelo aspecto científico, foi pedido aos exploradores portugueses que tivessem uma atitude persuasora contra a escravatura. Na descrição da primeira expedição realizada por Capelo e Ivens, estes denunciaram a prática da escravatura²⁶. São suas as palavras, que podemos ler na introdução da obra que relata a primeira expedição: *Rasgar por inteiro o véu dos mistérios africanos, trilhando o continente negro em todos os sentidos, redimir milhares de desgraçados do férreo jugo da escravidão, por uma luta sistemática contra tão odioso crime, eis o desejo que os anima e o grande pensamento científico-humanitário do mundo civilizado*. Na mesma obra os exploradores testemunham e denunciam, através

²⁵ David Livingstone (1813-1873) nasceu em Blantyre (Escócia). Primeiro explorador a fazer a travessia de África (de Angola a Moçambique) com carácter científico.

²⁶ Com a lei de 25 de Fevereiro de 1869 proclamou-se a abolição da escravatura em todos os territórios sob o domínio português, mesmo assim havia quem mantivesse o comércio ilegal de escravos.



do comportamento que observam por parte dos indígenas, o comércio continuado de escravos.

É notável a desconfiança que inspira em quase todos os pontos de África o aparecimento de um europeu ou mesmo de um africano mestiço.

A sua repentina chegada junto de uma sanzala tem quase sempre a consequência inevitável de retirarem-se os habitantes para dentro das casas, não escapando os próprios animais domésticos, como porcos e cães, que mais de uma vez vimos correr diante de nós espantados, como o poderiam fazer à aproximação de uma fera.

Indubitavelmente, a razão deste facto deriva das tristes cenas de que foi teatro o sertão africano, e presenciadas por gerações inteiras, durante a caça aos escravos, que terminava pela condução de grandes comitivas de desgraçados para as duas costas²⁷.

Antes da primeira expedição científica portuguesa, Roberto Ivens foi encarregado de realizar em Angola viagens de reconhecimento, nomeadamente da Baía dos Tigres e de parte do rio Congo²⁸. Relativamente a esta última deslocação, no ano de 1876, um escaler a vapor levou a reboque um bote, conduzindo Roberto Ivens e os segundos tenentes: Hernesto Carlos Rosa e Álvaro de Salles Ferreira, com o intuito de fazerem o reconhecimento do referido rio. Este, perto da sua foz, estabelece fronteira com Angola, a norte. Assim subiram estes homens pelas suas águas até Noki, próximo ao sítio onde Stanley estabeleceu a primeira estação permanente, denominada Josephina. Neste reconhecimento Roberto Ivens determinou a situação de duas grandes pedras que se encontram no rio e que só se descobrem quando as águas estão mais baixas. A primeira já tinha o nome de Diamante; a segunda, Roberto Ivens apelidou-a de Ametista²⁹. Fez ainda o levantamento em planta do rio Congo entre Boma e Noki e realizou três desenhos do

²⁷ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Benguela às terras de Iaca*, ob. cit., vol. 1, p. 153.

²⁸ Este rio foi denominado de Zaire, no antigo Zaire, entre 1971 e 1997.

²⁹ Este mineral é uma variedade do quartzo. A ametista é usada como amuleto para favorecer, entre outros, os viajantes.



natural: da ilha de Xinhalla, na margem direita do rio; de Xinhime, povoação mais ao nordeste; e do sítio dos redemoinhos de Fuma Fuma (Anexo 5).

6.1. De Benguela às terras de Iaca

Antes da expedição foi necessário preparar a bagagem para o efeito. Com um crédito de 8 contos de reis foi comprado em Paris e em Londres o equipamento que se julgava necessário. Mesmo assim, como não se encontravam no mercado artigos de viagem tais como os que eram desejados, foi preciso encomendar quase tudo. Instrumentos, armas, calçado e roupa foram fabricados para a ocasião. O trem comprado em Paris e Londres reuniu no total 17 malas, todas elas com as mesmas dimensões (3 m x 3 m x 6 m). Uma das malas era um toucador perfeito, contendo um grande espelho, uma bacia, caixas para escovas e outros objectos de higiene pessoal; outra continha um serviço de mesa e chá para três pessoas; três outras malas tinham na parte superior uma escrivaninha e lugar para papel. Estas últimas eram individuais e pertenciam a cada um dos exploradores. A bagagem era reveladora da dificuldade que os europeus tinham em perceber um mundo diferente do seu. E apesar de serem muitas as viagens que já se faziam pelo continente africano, era escassa a informação sobre o modo como se haviam preparado os outros viajantes.

Os artigos da bagagem tinham gravado o seguinte leitreiro: *Expedição Portuguesa ao interior d'África Austral, em 1877.*

Da bagagem total faziam parte muitas outras malas e grande número delas continham mercadorias que funcionavam como moeda de troca: tecidos, búzios e missangas, entre outras. Roberto Ivens e Hermenegildo Capelo, com algum preciosismo até, recomendam ao viajante que for por Luanda que *deverá levar muita missanga encarnada pequena, e grande branca*³⁰.

Partiram de Benguela para o sertão, a 12 de Novembro de 1877, os três homens que foram nomeados para levar a cabo a expedição ao interior de África: os oficiais da marinha

³⁰ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Benguela às terras de Iaca, ob. cit.*, vol. 1, p. 45.



Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens, e o oficial do exército Alexandre Serpa Pinto. Foram já os últimos raios do Sol poente que iluminaram a extensa linha de carregadores que seguiam a expedição portuguesa.

Após longas caminhadas era frequente a comitiva permanecer alguns dias acampada no mesmo local. Era necessário fazer alguns abastecimentos, procurar carregadores, ou tentar baixar as febres. Excepto nas ocasiões em que estas últimas prostravam os exploradores, o dia era passado na recolha de informações, no levantamento de dados e registo dos cálculos que lhes permitia ir fazendo, durante essas paragens, o desenho das cartas. À noite distraíam-se com as narrações exageradas dos indígenas. E foi desta forma que Roberto Ivens, Hermenegildo Capelo e Serpa Pinto passaram os últimos dias do ano de 1877.

Uma das grandes dificuldades de pôr em execução estas expedições era arranjar carregadores que se dispusessem, a troco de pagamento, acompanhar os exploradores e, uma vez conseguido o número indispensável de homens, mantinha-se difícil a tarefa de evitar a sua fuga. Esta última era frequente e muitas vezes associada ao furto de bagagens. Na obra *De Benguela às terras de Iaca* encontramos referência a este facto.

É realmente singular a negação dos pretos em acompanhar exploradores pelo sertão africano. Não há maneira de os convencer de que para ali não vai somente o europeu que negoceia; que também pode ir aquele que quer ver, admirar e estudar o que por lá há de extraordinário, desenhar, escrever, falar enfim com os régulos, estabelecer relações entre estes e as povoações da costa, descobrir novos caminhos, de futuro talvez mais lucrativos para o comércio. A nada os teimosos querem mover-se³¹.

Para além da fuga de carregadores, a progressão no terreno estava sujeita a inúmeras contingências, tais como: as guerras entre tribos inimigas de indígenas, a cobiça

³¹ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Benguela às terras de Iaca*, *ob. cit.*, vol. 1, p. 43.



dos sobas de várias povoações que só a troco de dádivas elevadas autorizavam a passagem pelo que diziam ser as suas terras ou, pelo contrário, o zelo em demasia demonstrado por alguns chefes fazendo questão que o acampamento de exploradores permanecesse por mais tempo no local, enquanto as cerimónias, visitas e festas se sucediam. Por recear algum mal, terá sublinhado um dos zelosos sobas, que não consentia a passagem dos exploradores para o Cuanza sem consultar antes os feitiços. Ivens e Capelo relatam no seu livro, que perante este argumento irrefutável, tiveram que sujeitar-se à decisão do conselho secreto que se reuniu durante a noite *por meio de adivinhações*. Felizmente o resultado foi favorável aos exploradores, tendo sido aberto o caminho no dia seguinte, permitindo que estes atingissem o rio Cuanza, que naquele ponto corria ao Norte e apresentava-se com leito bastante sinuoso.

No Bié, onde chegaram a 5 de Março de 1878, Serpa Pinto separou-se dos companheiros e decidiu fazer a travessia até Moçambique³². Essa viagem ficou descrita no livro da sua autoria intitulado: *Como eu atravessei a África*. Nesta obra Serpa Pinto começa por referir que é difícil compreender o sofrimento do viajante em África a quem não o experimentou, e àquele que experimentou esse sofrimento, difícil é descreve-lo.

Após a ruptura com Serpa Pinto, Capelo e Ivens avançaram seguindo a rota inicialmente traçada.

A viagem dos dois exploradores prosseguiu ora por colinas e serras cortadas a pique, ora por vastas planícies a perder de vista. Os caminhos faziam-se quer por entre luxuriante vegetação, quer por zonas de extensa aridez. Por vezes a comitiva deparou com obstáculos que exigiram um sério esforço para serem vencidos.

Os exploradores surpreendiam-se frequentemente com o modo distinto de percepção do mundo por parte dos indígenas, que conseqüentemente o levam a valorizar

³² Serpa Pinto aceitara o plano da expedição, mas lá no fundo manteve secreto o desejo de partir para a travessia da contra-costa. O contacto com Stanley fortaleceu-lhe a ideia já por si afincada. Roberto Ivens contraporá a propósito deste facto, a sua determinação, tal como a do seu companheiro, Hermenegildo Capelo, em respeitar cegamente as ordens superiores, norma que lhes haviam dado desde jovens.



determinadas coisas em detrimento de outras, nomeadamente a forma como estes preenchiam o seu tempo e a ele se referiam. Tal postura tornava-se incompreensível para o viajante europeu. Capelo e Ivens descrevem a situação em tom de ironia sarcástica.

As ideias de tempo, de distância, de número e de quantidade são entre eles confusas, e às vezes avaliadas por uma forma que deixa o europeu perplexo.

Exemplo:

– Quanto tempo levaríamos daqui ao ponto onde o Cuango entra no Zaire?

Depois de extenso preâmbulo, eis a resposta:

– Precisa gastar dois pares de alpercatas³³!

Já nas terras de Iaca fizeram uma paragem no Duque de Bragança, local onde tinham estado alguns meses antes. Decorria o mês de Julho de 1879 e tencionavam esperar neste local pelo dia 19 do mês seguinte a fim de efectuarem o estudo de um eclipse parcial do Sol. Mas de um momento para o outro caíram por terra os melhores planos. Encontravam-se na residência do chefe, a 24 de Julho, quando ouviram o toque de fogo, dado pelas cornetas do destacamento.

O nosso acampamento ardia completamente.

Vagas de fogo furiosas, diabólicas, partiam de todos os lados, açoutadas pelo Sueste forte, devorando as barracas do capim ressequido, com uma rapidez vertiginosa³⁴.

Era um oceano de labaredas, que pelo escuro da noite tomava proporções fantásticas, para onde corríamos pressurosos e arquejantes, vendo os nossos trabalhos perdidos.

Cartas, mapas, diários, tudo se nos afigurava presa das chamas.

³³ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Benguela às terras de Iaca*, ob. cit., vol. 2, p. 198.

³⁴ IDEM, *Ibidem.*, p. 141.



E doidos, sem saber o que decidir, corríamos direitos ao campo, bradando para quem encontrávamos:

- Salvem primeiro os livros.

Como se poderá dizer em verdade o que nesse momento experimentávamos! Como dar ideia do assombro e da aflição de dois pobres homens que viam nalguns minutos desfeitos os sonhos e as esperanças de vinte e quatro meses de esforço, e para quem a perspectiva sorridente do elogio dos seus trabalhos se convertia na calada desconfiança de sermos umas nulidades?! (...)

Na medonha faina travávamos os dois de safar as respectivas malas, que ao princípio não encontrámos, e só mais tarde descobrimos uma delas envolvida no braseiro com parte dos livros em ignição³⁵.

Por uma felicidade providencial, nós que tínhamos por costume após os trabalhos do dia reunir os papéis, e colocá-los sobre as malas para à noite continuar na tarefa, havíamos nesse dia metido boa parte para o interior. Não obstante esse cuidado, ficaram de fora alguns de uso constante, como livro registo de observações meteorológicas, álbuns de desenho (pela maior parte bastante estragados), cadernos de coordenadas, etc³⁶.

Este drástico episódio obrigou a alterações da expedição. Se diminutos eram os recursos antes do fogo, agora eram ainda mais escassos, obrigando à partida sem demora. No dia 1 de Agosto decidiram retomar o caminho optando por um trajecto mais directo.

Percorreram mais de quatro mil quilómetros, caminharam pela bacia do Congo, “a mais pestilencial região de África”, palavras dos exploradores, onde a insalubridade era tal que se viram obrigados a retirar por absoluta impossibilidade de prosseguir. O estado febril de Capelo e Ivens permanecia, impedindo-os de trabalhar. As feridas originadas pelo escorbuto tinham-se agravado e provocavam doloroso sofrimento durante a marcha.

³⁵ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Benguela às terras de Iaca*, ob. cit., vol. 2, p. 142.

³⁶ IDEM, *Ibidem.*, p. 144.



O mesmo rio que haviam conhecido tão perto da nascente, de caudal estreito e de margens arenosas, apresentava-se agora amplo e majestoso. Foi diante da corrente do Cuanza, e avistando a vila do Dondo, que os dois exploradores, exaustos e impossibilitados de prosseguir, deram por terminada a sua missão.

Breve estaria tornada a nossa tarefa.

Íamo-nos aproximando do mundo civilizado, e essa circunstância, embora agradável, tinha um quer que fosse de amarga.

Tristeza inexplicável se apoderava de nós ao reflectir no antigo modo de vida.

Não obstante cheio de perigos e sofrimentos, tínhamo-nos afeiçoado.

O seu cunho primitivo e singelo cativara-nos.

A barraca do dia, os murmúrios do mato, as vozes dos nossos, a independência completa, tudo nos perpassava pela mente, impressionando-nos.

Sentíamos saudades, e olhando para os companheiros de anos exclamávamos in mente:

– Breve desaparecerão para sempre!

Não se vive impunemente, durante meses, de forma qualquer, sem nos habituarmos, e há imensa verdade nesse velho provérbio «o hábito é uma segunda natureza».

Custa o que se sofre no meio dos matos adustos de África, mas no regresso poucos haverá que não tenham experimentado um sentimento doloroso, ao dar esse golpe que, separando-nos de uma vida repleta de movimento e novidades, atira de novo connosco para a rotineira existência dos macadams da Europa.

Que fazer em semelhante conjuntura?



*Erguendo a mão para a laranjeira próxima, esgalhando um ramo (com grande desagrado do hortelão), afogámos os poéticos sentimentos, que nos iam na alma, no sumo de duas enormes laranjas*³⁷.

Foram aconselhados a não regressar por terra, pelo que decidiram regressar a Luanda navegando pelas águas do rio Cuanza. Primeiro, a 11 de Outubro, embarcaram num vapor que os conduziu ao Dondo, fundeando a seguir no Cunga. Aí embarcaram num outro vapor de maior porte que os levou até Luanda, onde deram entrada a 13 de Outubro do ano de 1879 (Anexo 8). Havia 729 dias que tinham deixado a capital em viagem para Benguela.

Passados alguns dias em Luanda, os exploradores deslocaram-se a Moçâmedes, a fim de reorganizar os estudos feitos e recuperar o estado de saúde. O clima ali era mais propício para o desempenho de tais tarefas. Aí ficarão até partirem de novo para Luanda, a 19 de Janeiro de 1880. Passados oito dias iniciam a viagem de regresso a Lisboa, onde chegam no dia 1 de Março de 1880.

Percorrendo caminhos onde abundaram os obstáculos e florestas quase impenetráveis, sofrendo os efeitos do calor, das febres e da fome, Capelo e Ivens tinham realizado um estudo apurado dos rios. Utilizaram para o efeito os vários instrumentos que tinham levado e fizeram o estudo da direcção das correntes, da velocidade das águas, das características das margens, da largura e da profundidade de cada caudal. Os dois exploradores expuseram ao Ministro do Ultramar o resultado dos seus trabalhos: tinham corrigido e completado parte da Carta Geral das Províncias de Angola; na travessia que fizeram, atingido o planalto do Bié, tinham estudado as origens e curso de vários rios, tais como do Cuango, do Luango e do Cassai; tinham também determinado pontos importantes de vários cursos de água para Este do Cuango e descido este último rio até ao Sertão de Iaca.

³⁷ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Benguela às terras de Iaca, ob. cit.*, vol. 2, p. 159.



Com esta expedição ficara determinada uma vasta zona da fronteira Norte de Angola e aberto o caminho para a nova expedição que viria a realizar-se e que ligaria as costas de África: do Atlântico ao Índico.

6.2. De Angola à contra-costa

Partiram Capelo e Ivens de Moçâmedes, a 12 de Março de 1884, acompanhados de cerca de 100 carregadores. Estavam a bordo da corveta Rainha de Portugal, do comando de Guilherme Capelo, que os transportava para Porto Pinda, na foz do rio Curoca.

*Duas longas horas passámos, respirando a largos tragos as frescas brisas d'esse oceano que por tanto tempo íamos esquecer, e do qual nunca suspeitámos afastar-nos tão contristados, soltando vãos com o pensamento*³⁸.

Já em terra e depois de construído o acampamento, beberam um copo de vinho à saúde de Capelo que completava nesse dia quarenta e três anos³⁹.

A primeira etapa da viagem passava por explorar o rio Curoca e procurar uma ligação deste com o Cunene, prosseguindo depois para o interior. Mas a fuga de 41 carregadores levou os exploradores a regressarem a Moçâmedes a fim de reorganizar a expedição que partiria de seguida e directamente para o interior. Antes, porém, não desistindo da intenção inicial, Roberto Ivens e o irmão do seu companheiro de viagem, Guilherme Capelo, realizam durante seis dias a exploração ao rio Curoca. Subiram o seu curso até onde foi possível avançar, atingindo a Garganta do Diabo em 31 de Março. Concluíram não existir ligação entre este rio e o Cunene, situado este último muito mais a sul. Após esta incursão a comitiva reúne-se de novo para a partida definitiva a 24 de Abril desse mesmo ano. A travessia iria demorar 14 meses.

³⁸ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Angola à contra-costa, ob. cit.*, vol. 1, p. 90.

³⁹ Hermenegildo Capelo (4 de Fevereiro de 1841 - 4 de Maio de 1917). O seu companheiro de viagem, Roberto Ivens, estava a 3 meses de fazer 34 anos.



A incerteza foi companheira permanente dos sertões: a incerteza de obter alimento, a incerteza dos percursos trilhados, a incerteza dos sofrimentos futuros. Ninguém sabia onde os levaria tamanha empresa. Os homens que faziam parte desta comitiva, os carregadores, testemunhando a obstinada caminhada, interrogavam-se perante a persistência da dúvida:

– Sabem ou não sabem para onde se dirigem? Dizia um mais atilado. Se sabem, porque o occultam? Se ignoram, para que prosseguem⁴⁰?

A travessia fez-se por entre serras e planícies, pântanos e desertos. Fez-se também de sofrimentos, fadigas, fomes, angústias e mortes. Foi este, muitas vezes, o cenário desta viagem desde o Atlântico até ao Índico. Os exploradores estiveram a braços com as sucessivas fugas dos carregadores, com a escassez dos alimentos e com o sucumbir dos companheiros de viagem.

Poucas vezes, leitor, terá o chefe de uma expedição soffrido privações physicas e torturas moraes, como aquellas por nós experimentadas durante os primeiros mezes que vamos descrevendo, porque tambem poucas vezes mais estranho concurso de circumstancias se póde reunir, para contrariar quaesquer designios.

Fomes, sêdes, desertos alternavam-se systematicamente, para produzirem o seu maximo effeito no espirito da desnorçada caravana; era como se muito de proposito as cousas se houvessem disposto para aniquilar todos os nossos esforços⁴¹.

Diante da deslumbrante e grandiosa Natureza os exploradores contemplaram maravilhados a amplitude dos céus, o serpentear dos rios e a diversidade dos animais, mas a mesma Natureza tornava-se, também ela, uma armadilha.

⁴⁰ IDEM, *Ibidem.*, p. 407.

⁴¹ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Angola à contra-costa, ob. cit.*, vol. 1, p. 292.



Prepara-lhe a natureza, por toda a parte, é verdade, n'uma vegetação exuberante, as mais pittorescas paisagens; mostra-lhe nos extensos azues da distancia golpes de vida soberbos, que o cobalto não imitaria; dardeja com os raios de um glorioso sol quadros inimitaveis de colorido e oiro, que pincel algum seria capaz de reproduzir; bafeja-o emfim pela tarde com aromaticas e tepidas auras, que o incitam ao repouso; mas quando o viajante, dominado por toda esta prodigalidade, ergue os olhos ao céu, como para agradecer tamanhos favores, ella, que ao fundo de cada consolo esconde um espinho, sem se desmascarar, desillude⁴²!

Ninguem nos reconhecêra ao desembarcar, pois, tismados do sol, com os fatos enxovalhados e rotos, a longa barba, e uns farrapos brancos enrolados á cabeça, mais pareciamos mouros do Zanzibar, que compatriotas d'aquelles que lá residiam⁴³.

A chegada a Quelimane, na costa de Moçambique, foi a 21 de Junho de 1885 após 4200 milhas percorridas, das quais 1500 de sertão nunca pisado por europeus. Dos cerca de 100 carregadores (os *heróis esquecidos*), que iniciaram a expedição, 37 fugiram, 11 foram dados como perdidos e 20 morreram. No total, foram 68 os homens que não regressaram.

O Mapa Cor-de-Rosa não passou de um sonho, pois não se concretizou a grande união de territórios. Contudo, consolidaram-se os direitos de Portugal fixando-se fronteiras que asseguraram as suas grandes possessões de Angola e Moçambique.

Com esta expedição desbravaram-se sertões, completaram-se mapas traçados até então a branco, estabeleceram-se relações com povos e visitaram-se os maiores centros comerciais. O levantamento de dados para estudos científicos foi avultado: observaram-se elementos geográficos, fizeram-se estudos sobre meteorologia e magnetismo, observaram-se aves, conchas terrestres e fluviais, fizeram-se observações botânicas, recolheram-se exemplares geológicos e mineralógicos.

⁴² CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Angola à contra-costa, ob. cit.*, vol. 1, p. 289-90.

⁴³ IDEM, *Ibidem.*, vol. 2, p. 325.



7. Os cadernos de viagem⁴⁴ de Roberto Ivens

Das duas expedições em que Roberto Ivens participou, apenas tivemos o privilégio de folhear e observar os cadernos referentes à segunda expedição, *De Angola à contra-costa*, e sobre os quais falaremos mais adiante. Da primeira expedição, *De Benguela às terras de Iaca*, não encontramos os cadernos originais contendo os desenhos criados durante a viagem. Descobrimos contudo várias referências oriundas de diferentes fontes que testemunham a existência de tais desenhos, pelo menos em determinada época. É sabido, tal como anteriormente referimos, que no percurso final da referida expedição teve lugar um forte incêndio no acampamento dos exploradores, apanhando todos de surpresa, e que causou graves estragos, nomeadamente a destruição dos registos das observações que se foram realizando ao longo do percurso, assim como de cartas, mapas e diários...

Na segunda expedição a África, *De Angola à contra-costa*, foram elaborados cadernos de viagem nos quais os dias da travessia tomaram a forma de registos gráficos desenhados. Estes cadernos fazem parte do espólio da Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa e estão agrupados num conjunto de seis volumes que integram, na totalidade, relatório, cálculos e observações meteorológicas. Abordaremos apenas aqueles que são da autoria de Roberto Ivens e que contêm os seus desenhos. São dois os volumes de viagem⁴⁵, de capa rija e encadernados a *bordeaux*. As suas dimensões são de 24,5 por 17,5 cm. No total dos dois cadernos são 133, as folhas com desenhos e outros registos em ambas as páginas. Estas foram utilizadas numa sequência temporal. Como é próprio deste tipo de cadernos, que se expõem a pequenos imprevistos e surpresas, costumam acolher recortes, fotografias e outros pedaços de viagem. Nestes exemplares estudados, rectângulos de papel desenhados foram colados sobre as páginas de duas folhas dos cadernos. Aparecem entre algumas páginas, embora raramente, alguns pedaços de papel com

⁴⁴ Nomes diversos para um objecto similar: caderno de campo, diário gráfico, diário de viagem, (...).

⁴⁵ CAPELO, Brito; IVENS, Roberto – Cadernos originais contendo relatório, cálculos e observações meteorológicas realizados por Brito Capelo e Roberto Ivens durante a sua expedição por África em 1877-1885, 6 vols.



registos. Numa das páginas do segundo volume foi recortado um fragmento rectangular. As últimas folhas do primeiro volume estão em branco.

Os cadernos apresentam-se em muito bom estado, o que nos levou a interrogar se não teriam sido encadernados à *posteriori*. Contudo, julgo que assim não terá acontecido, pois o verso das guardas⁴⁶ tem anotações da viagem. Estes cadernos, enquanto não estavam a ser utilizados, eram transportados dentro de caixas, a salvo das intempéries, mas nem por isso deixavam os dois exploradores completamente tranquilos.

Mas então quantas angustias torturavam os chefes, confiando á instabilidade de quatro ramos as caixas, saccos e instrumentos que os pretos pouco cuidadosos conduziã; quantas ocasiões se suspendia quasi a circulação do sangue, vendo qualquer d'elles hesitar e tremer, prestes a cair á agua com o volume dos diarios e cadernetas⁴⁷.

Já o interior dos cadernos denuncia as milhas percorridas em viagem. O pó negro da grafite preenche por completo o branco original das folhas. As manchas amareladas espalham-se livremente pelo interior. O rendilhado da margem dos fragmentos de papel adicionados, transfere-lhes uma manifesta fragilidade.

Os cadernos, sendo um espaço de privacidade para o seu autor, transformam-se num local de liberdade, de experimentação, de descoberta e consequente criatividade. Eles são o percurso visual, pessoal e emotivo e são igualmente um espaço exploratório. Também aqui, Roberto Ivens, analisou, registou e experimentou a associação de materiais, memorizando pessoas, locais e acontecimentos.

Observar estes cadernos é termos a possibilidade de construir uma narrativa e entrarmos, também nós, na aventura da viagem. Estes diários são objectos orgânicos que

⁴⁶ Nome que se dá ao revestimento interno que recobre a contracapa do livro e que no caso destes cadernos de viagem, são feitas em papel com motivos decorativos.

⁴⁷ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Angola à contra-costa, ob. cit.*, vol. 2, p. 182.



nunca se revelam da mesma maneira. A nossa leitura depende quer da forma como os manuseamos, quer da demora e do percurso do nosso olhar.

7.1. Comparando com os cadernos de Serpa Pinto.

Roberto Ivens e Hermenegildo Capelo tiveram como companheiro de viagem, em parte do trajecto da expedição de 1877, o explorador oficial do exército Serpa Pinto. Também ele se fazia acompanhar de cadernos de viagem, que para além dos registos das observações gerais científicas, eram utilizados para o desenho de locais e gentes contactados durante o percurso efectuado.

São contudo desenhos que muito se diferenciam daqueles realizados por Roberto Ivens. Não nos referimos ao conteúdo mas salientamos sim os aspectos relacionados com a qualidade própria dos desenhos. O traço de Serpa Pinto é fino e uniforme, distinto por isso da carga expressiva associada ao traço de Roberto Ivens. Os desenhos de S.P. parecem por vezes terem sido realizados com a ajuda de utensílios de rigor. É possível que este tenha recorrido à régua para a marcação de pontos e traçados auxiliares de linhas de fuga, nos apontamentos de perspectivas. Os desenhos tornam-se assim mais cuidados, no sentido de serem cautelosos, evitando errar os cálculos. Longe da vibração própria dos registos de R.I., os desenhos de S.P. afirmam-se pela arrumação ordenada, quer através da disposição das formas no campo visual, quer pelo traçado quase técnico, não chegando a arriscar e como tal também a não surpreender (Anexo 9). Não se adivinham sequer hesitações, traços sobrepostos, posições reajustadas ou formas recolocadas, tão comuns nos cadernos de R.I.. Relativamente à observação e registo do perfil da cabeça humana, comum nos esboços de S.P., as inclinações das linhas, assim como a colocação dos pormenores do rosto, não traduzem as proporções correctas. Quando olhamos para estes desenhos, percebemos que acusam grande fragilidade quanto à capacidade de representação, sobretudo da figura humana.

Não é a intenção, de forma alguma, desvirtuar a mestria de Serpa Pinto na área do desenho. Quer-se sim realçar a capacidade ímpar de Roberto Ivens demonstrada nos seus registos de viagem. Para além de Roberto Ivens e Serpa Pinto terem sido contemporâneos,



fazemos referência aos cadernos de viagem deste último explorador pelo facto de serem referenciados como exemplos notáveis de desenho. São certamente! Mas debruçemo-nos agora sobre os cadernos de Roberto Ivens e deixemo-nos guiar pelos traços e manchas dos seus registos.

7.2. Em busca dos desenhos da expedição *De Benguela às terras de Iaca.*

Na biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa pudemos observar vários volumes de cadernos de observações, usados e preenchidos quando da expedição *De Benguela às terras de Iaca*. Estes, bastante deteriorados, foram consumidos em parte pelas labaredas do incêndio que deflagrou durante a referida expedição. Porém, não encontramos os cadernos de viagem com os desenhos de paisagens, pessoas e animais. Interrogamo-nos: será que foram consumidos integralmente pelas chamas? Será que estão perdidos, ou bem guardados? Certo é que Roberto Ivens desenhou durante a expedição, existindo até gravuras realizadas a partir desses desenhos de viagem que foram posteriormente publicadas. São várias, portanto, as referências que nos dão o testemunho de que Roberto Ivens usava o seu lápis e o caderno de viagem, não desistindo de fazer os seus registos gráficos. Ele próprio, na primeira pessoa, refere-se também aos desenhos que terá feito. Passamos a transcrever fragmentos de texto reveladores de cada uma das situações anteriormente referidas.

Numa carta de Serpa Pinto enviada a Luciano Cordeiro, quando do início da expedição, e em que os três exploradores se mantinham ainda unidos na mesma trajectória, podemos ler:

*(...) O Ivens tem já algumas fotografias curiosas e muitos desenhos.*⁴⁸

Numa das publicações de então da revista *Occidente*, o autor do artigo escreve:

Neste reconhecimento levantou Roberto Ivens uma planta do rio Congo entre Boma e Noki, e fez os desenhos do natural da ilha de Xinhalla, na margem direita do rio, de

⁴⁸ MARTINS, Francisco de Assis de Oliveira – *Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens*. Lisboa: Divisão de Publicação e Biblioteca, Agência Geral das Colónias, 1951. Vol. 1, p. 214.



Xinhime povoação mais ao norte e do sítio dos redomoinhos de Fuma Fuma, quase sempre envolvidas em espessas nuvens das evaporações do rio.

Desses desenhos dá o Occidente cópia a página 36 como os primeiros que o notável explorador fez em África e que marcam a sua primeira viagem de exploração ou reconhecimento do Congo (Anexo 5).

Estes desenhos fazem parte da planta ou mapa a que nos referimos, o qual foi oferecido por Roberto Ivens à Sociedade de Geografia de Lisboa, onde se conserva.⁴⁹

Num outro artigo do mesmo autor, em que este faz o relato faseado da expedição, podemos ler:

A reprodução de dois desenhos feitos do natural pelo sr. Ivens permitirá aos leitores fazerem uma ideia exacta dos países que, segundo as preciosas informações dos notáveis viajantes eu aqui for descrevendo.⁵⁰

Esta descrição da viagem foi sendo acompanhada por gravuras realizadas com base em desenhos de Roberto Ivens. Em anexo, apresentamos alguns exemplos de imagens que têm como legenda:

Extraído do álbum de viagem dos exploradores Capelo e Ivens (Anexo 10).

Roberto Ivens e Hermenegildo Capelo, na descrição que fazem da expedição publicada no livro intitulado *De Benguela às terras de Iaca*, revelaram na primeira pessoa vários episódios que foram desenhados durante a viagem no caderno usado para o efeito. Transcrevemos seguidamente essas passagens distribuídas pelo primeiro volume.

Em quatro dias tivemos seis entrevistas com Tembo, nas quais lhe narrámos as cenas mais importantes da Europa, a propósito das grandes cidades, caminhos-de-ferro, telégrafos, desenhando croquis, etc., a que o soba dava

⁴⁹ A., C. – Roberto Ivens. *Occidente*. Lisboa: vol. 21 – n.º 689 (1898), p. 35/36.

⁵⁰ CERVAES, Alberto de – Viagens dos Srs. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens na África Equatorial. *Occidente*. Lisboa: vol. III, n.º 58 (1880), p. 75.



*a maior atenção, mostrando-se em extremo curioso, e não se eximindo a dizer tudo quanto julgava interessar-nos*⁵¹.

*Eis em dois traços, que registámos na nossa carteira de viagem, o esboço sobre as caçadas africanas, feitas pelo gentio, com auxílio do fogo, na época da seca dos capins*⁵².

*A gravura anexa é a mais eloquente descrição que podemos fazer deste herói, cujas exigências, durante a nossa prolongada demora ali, nos puseram a paciência à prova de tudo*⁵³.

*Estes animais vivem geralmente nos pântanos, donde se levantou um tropel quando transpúnhamos o Cuango, e que o ilustre director do museu de Lisboa, dr. Barbosa du Bocage, supõe ser, em vista de um desenho por nós apresentado, o *Eleotragus reduncus**⁵⁴ (o animal desenhado é uma das espécies do grupo dos antílopes – Anexo 10).

*Transportei-vos pela imaginação à África, suponde-vos ao nosso lado, e entrai connosco na senzala que a pena se encarrega de desenhar*⁵⁵.

Legenda da gravura:

O Ianvo em traje de gala

*Desenho composto pelos autores, segundo informações*⁵⁶

No segundo volume da mesma obra podemos ler as seguintes referências aos desenhos realizados durante a expedição:

⁵¹ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Benguela às terras de Iaca, ob. cit.*, vol. 1, p. 171.

⁵² CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Benguela às terras de Iaca, ob. cit.*, vol. 1, p. 209.

⁵³ IDEM, *Ibidem.*, p. 249.

⁵⁴ IDEM, *Ibidem.*, p. 255.

⁵⁵ IDEM, *Ibidem.*, p. 294.

⁵⁶ IDEM, *Ibidem.*, p. 313.



Na manhã seguinte, 19 de Março, achávamo-nos à porta da barraca, desenhando o retrato de mestre José (o guia), de pé, com o largo chapéu e embrulhado no matutino cobertor, a quem o tio, ao pegar-lhe, admirava de pernas para o ar (modo que nós considerávamos assaz extraordinário de aperceber perspectivas), (...)⁵⁷.

(...) entretanto uma primaveril vegetação nas empinadas encostas, ao fundo das quais distinguimos um bosque de laranjeiras que apresentamos na gravura e visitámos a 29⁵⁸.

Como tivéssemos ensejo de observar bem o mais distante, serviu-nos isso para fazer um croquis, sofrivelmente próximo da verdade; contentámo-nos com tal, à falta de melhor recurso⁵⁹.

Não obstante esse cuidado, ficaram de fora alguns de uso constante, como livro registo de observações meteorológicas, de que apresentamos fac-símile de uma das folhas ao leitor, álbuns de desenho (pela maior parte bastante estragados), cadernos de coordenadas, etc⁶⁰.

De novo nos dirigimos para o rio, que atravessámos numa jangada, pousando na outra margem, a fim de fazer o croquis que apresentamos, lamentando a ausência de um paisagista mais hábil do que nós, para da cena tirar todo o partido⁶¹.

Defronte delas [filhas] acampámos, desbastando as vastíssimas gramíneas, em parte trilhadas pelos hipopótamos que de noite invadem as margens

⁵⁷ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Benguela às terras de Iaca*, ob. cit., vol. 2, p. 41.

⁵⁸ IDEM, *Ibidem.*, p. 44.

⁵⁹ IDEM, *Ibidem.*, p. 95.

⁶⁰ IDEM, *Ibidem.*, p. 144.

⁶¹ IDEM, *Ibidem.*, p. 154.



*baixas; e, depois de completar o croquis da cachoeira, passámos a escrever no diário o que vamos referindo*⁶².

*Convencidos ficámos mais uma vez de não compreenderem os negros que coisa seja o desenho, e a perspectiva então desconhecem-na em absoluto! Parecem ignorarem por onde devem começar, não fixam, nem se orientam, e por mais que se lhes queira pôr o desenho na devida posição, eles ou o inclinam ou curvam a cabeça, sendo-lhe impossível aperceber as imagens. Neste caso, por exemplo, que era um busto, o observador deitou-o, não distinguindo sequer ser retrato de homem o que tinha na mão. Talvez chegasse a convencer-se disto se o desenhássemos de tamanho natural*⁶³!

7.3. Os desenhos da expedição *De Angola à contra-costa*

Roberto Ivens, além de explorador, foi ele próprio o repórter desenhador da expedição. Ivens não se limitou a preencher um caderno de campo. Foi muito para além disso, deixando o registo de dados etnográficos, pois para além do esboço dos itinerários, realizou apontamentos de tipos humanos, de animais, de espécies vegetais, de habitações, de objectos, de acções, como por exemplo do moer da farinha ou das diversas caçadas. Dos desenhos de Roberto Ivens realça-se a minúcia e a expressividade dos mesmos. A sua destreza e aptidão para desenhar eram reconhecidas por aqueles que o conheciam.

Um discípulo de Roberto Ivens, Alfredo Maia, conhecendo-o como colega de escola e como companheiro de uma viagem, descreve-o num artigo a seu respeito como um *homem com todos os predicados para oficial da marinha distintíssimo, exercitado*

⁶² IDEM, *Ibidem.*, p. 160.

⁶³ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Benguela às terras de Iaca, ob. cit.*, vol. 2, p. 175.



especialmente em cálculo bom desenhador, estudioso e curioso das «mil particularidades» da navegação⁶⁴.

África era ainda o refúgio do maravilhoso e do romanesco. Presumia-se que no seu interior existiam os mais extraordinários seres: homens de grandes cabeças, indivíduos com cauda e unicórnios, são alguns exemplos. Os exploradores, Capelo e Ivens, referem-se a este facto no relato que fazem da expedição, lamentando com certa ironia, não poderem testemunhar através do desenho tamanhas ilusões.

(...); e a verdade é que no meio de tão interessantes e attrahentes casos, faz pena que apareçam os singelos pioneiros da epocha actual, e largando o bordão para calçar a luva, e, acto successivo, descalçando esta para pegar na penna, venham com dois rabiscos dissipar tão phantasiosas idéas, varrer com as illusões desde o “unicornio fabuloso”, até as serranias tremendas, cujas cabeças branqueadas pelas neves perpetuas contrastavam com os pés immersos nas areias ardentes⁶⁵!

Os desenhos e outros registos orientam-se nas folhas desorientando as nossas regras de leitura. Numa mesma página coabitam formas longitudinais com formas transversais. Os cadernos, que outrora giraram ao sabor dos registos realizados, giram agora de acordo com a orientação da leitura que o observador lhes procurar dar. Tal disposição dos registos na folha deixa adivinhar uma narrativa processual, ou seja, podemos falar da temporalidade destes desenhos. Eles dão-nos a possibilidade de observar os diferentes tempos de execução. A leitura vai sendo construída de acordo com as associações que vamos estabelecendo. Como que em pequenos nichos, vamos arrumando os vários elementos, mas mesmo assim somos surpreendidos por traçados que se deixam engolir pelas fronteiras que inconscientemente estabelecemos. Descobrimos entretanto um leve contorno e interrogamo-nos de que lado o devemos colocar. Por entre traçados e manchas deparamo-

⁶⁴ MAIA, Alfredo – *Galeria Militar*. Lisboa: (1879). *Apud* CORREIA, Mendes – O centenário de Roberto Ivens (1850-1950). *Rev. do Ultramar*. Lisboa: nº 18 (1950), p. 13.

⁶⁵ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Angola à contra-costa, ob. cit.*, vol. 1, p. 387.



nos com hesitações e arrependimentos enquanto nos demoramos em decifrar as legendas de caligrafia curvilínea.

Estas “reportagens” não eram transmitidas com a rapidez a que estamos habituados hoje em dia, muitas vezes em tempo real. Pinheiro Chagas, responsável pela pasta da Marinha e do Ultramar, numa carta que escreveu ao governador-geral de Angola, Francisco Ferreira do Amaral, mostrava-se preocupado pois não tinha notícias dos exploradores há oito meses!

7.3.1. O suporte

Os suportes são transformados através de instrumentos de acordo com metodologias e técnicas ao serviço das ideias e intenções. Neste caso o suporte é o papel, de gramagem média, dos próprios cadernos. Estes últimos, de dimensões reduzidas (24,5 cm x 17,5 cm), permitiam um manuseamento fácil para registos inadiáveis. Os dias de viagem foram sendo memorizados e transportados nessas páginas (23 cm x 17 cm).

7.3.2. Os instrumentos do desenho

Na tentativa de nos certificarmos sobre os instrumentos utilizados aproximamo-nos das páginas, indevidamente, já que sobre estes cadernos originais repousam 123 anos! Tentávamos nós perceber se o azul que sinaliza os rios, aparentemente “aguado”, era mesmo feito com um instrumento de desenho líquido, ou apenas efeito.

Os instrumentos são como que o prolongamento da mão e promovem o registo de ideias, materializando visualmente o pensamento. Nestes desenhos foram utilizados os seguintes instrumentos:

Instrumentos de desenho de uso directo contínuo seco – o lápis de grafite, a sanguínea e o lápis litográfico azul. As marcas realizadas com este último instrumento



podem ser diluídas com um pincel humedecido em água. Esta técnica cria efeitos de meios-tons.

Instrumento de desenho de uso directo descontínuo líquido – pena e tinta preta/vermelha.

Instrumentos de desenho de uso indirecto – régua.

Estes cadernos representam como que um laboratório de experimentação dos próprios instrumentos, e isto porque os lápis de cores distintas para o traçado dos itinerários (azul: os rios; sanguínea: as linhas de cota) vêm por vezes sublinhar pormenores dos desenhos a grafite. De início, timidamente, dão cor às missangas dos colares das mulheres (Anexo 6.a), mas folheadas algumas páginas, contornam e sombreiam homens que disparam armas de fogo numa caçada, acentuam as pregas e botões de um casaco, realçam pormenores do traje de uma mulher (Anexo 6.b). Aparecem igualmente no desenho de uma cabeça de um veado, no desenho e pintura de cobras e de um macaco, nos cabelos de homens (Anexo 6.c) e no delinear dos panejamentos. Uma canoa é igualmente esboçada a sanguínea.

O lápis de grafite é usado de forma muito expressiva, explorando e tirando partido dos diferentes elementos gráficos assim como da gramática visual no seu conjunto. Nos desenhos percebem-se as camadas de grafite e as suas diferentes intensidades. Detecta-se onde o gesto foi mais firme (Anexo 6.d) ou onde por vezes hesitou. Se perseguirmos os brilhos deixados pela grafite e as nuances entre o claro e o escuro, descobrimos a espessura destes desenhos (Anexo 6.e).

A pena, além de ser utilizada em algumas anotações geográficas (verbais e não verbais), reforça intenções (Anexo 6.f). Sobre um desenho leve, feito a grafite, existem contornos descontínuos que são intensificados com a pena, a preto. Este procedimento cria a alternância de intensidades e consequentemente a percepção de diferentes profundidades. Cria igualmente diferentes tensões no desenho tornando-o mais rico e interessante, pois



leva o olhar a saltar intermitentemente entre apontamentos mais e menos vigorosos. Os desenhos parecem vibrar. Sobre uma das páginas do primeiro caderno foi colado um desenho feito inteiramente a pena e tinta preta.

7.3.3. Os elementos gráficos do desenho

Apesar do nosso entendimento dos desenhos resultar da sua unidade, que vai para além da soma dos seus elementos individuais, temos tendência para desmontar as partes com o intuito de melhor entender o todo. Partindo da estrutura material dos desenhos podemos analisá-los segundo os elementos gráficos que lhe são próprios: o ponto, o traço e a mancha. Cada um destes elementos tem a capacidade de desencadear sensações e percepções diversas.

A utilização do ponto como unidade distinta é feita com parcimónia, aparecendo apenas na representação dos adereços de homens e de mulheres.

Alguns esboços de desenhos feitos a traço com grafite foram apagados, outras vezes foram abandonados como que se tivessem passado a pertencer a uma outra camada do desenho, mais longínqua. O traço é utilizado quer na marcação dos limites das formas, os contornos, quer na representação do exterior das mesmas, bem como na representação do seu interior (matéria das formas). Por vezes as figuras são parcialmente envoltas num entrecruzado de finos traços paralelos, que definem as zonas de sombra. Traços cruzados assim como um emaranhado de linhas circulares sobrepostas, ou linhas curvas e paralelas entre si, salientam o volume das formas.

O traço feito a pena, por vezes fino e nervoso, percorre pequenas fracções do desenho registado anteriormente a grafite. Este método, para além de tornar o desenho vibrante, realça a profundidade do mesmo, pois ora aproxima ora distancia planos consoante os torna mais nítidos ou mais ténues.



As manchas feitas a lápis de grafite são utilizadas com diferentes intensidades e preenchem áreas de tamanhos diversos. Aparecem a definir superfícies do desenho, umas mais uniformes, outras representadas por um aglomerado de grafismos e tramas, estas últimas ora ortogonais ora feitas de traços desordenados. Pequenas outras manchas acentuam sombras, marcam fronteiras e revelam saliências. Torna-se, também por isso, evidente a volumetria dos desenhos.

A utilização destes elementos, de forma particular, induz o observador na sensação da gravidade e da leveza dos desenhos, na diferenciação das distâncias e proximidades, e na percepção mais ou menos acentuada dos volumes.

7.3.4. A representação

Sendo verdade que estes desenhos têm a função de representar, para de futuro poderem evocar objectos ausentes, contêm também tudo aquilo que são elementos residuais e que têm a ver com o autor do desenho, quer através da forma como ele observa, quer pela forma como traduz esse olhar no desenho. O desenho torna-se assim numa entidade única, que o leva até, a distanciar-se de qualquer realidade observada.

A força ou leveza do gesto fica registada no traço feito pelo desenhador sobre o suporte. Por sua vez, objecto riscador (instrumento do desenho) e suporte, interagem e adicionam ao traço um carácter ainda mais particular. Quer isto dizer que ao suporte, aos instrumentos e aos elementos gráficos estão associados o corpo, o cérebro, a energia e a acção de desenhar. Todos estes elementos estão corporizados no desenho. Convivem assim, nesta forma de expressão, as qualidades sensíveis e emotivas com as qualidades cognitivas. Por essa razão falamos do movimento de um traço, da harmonia de uma composição, da violência de uma mancha, do fascínio de uma surpresa, ou de uma atmosfera inquietante. Sentidos universalmente identificáveis por qualquer um de nós, mas variáveis tanto quanto diversos são os observadores. Pois também nesta fase o observador acrescenta sempre alguma coisa àquilo que observa, já que traz associadas características



personais. Ele sente e percebe o desenho de uma maneira única. A decodificação que faz nunca é neutra.

Os desenhos dos cadernos de Roberto Ivens são desenhos de viagem. Não se enquadrando por isso na especificidade do registo científico. Pretendia-se que pudessem ilustrar a descrição verbal da expedição efectuada e assim completarem o texto e ajudar o leitor a ver o que estava distante e que até então nunca tinha observado. Já ao desenho científico é-lhe exigido rigor, objectividade e sistematização daquilo que é observado. Recorre por isso a uma linguagem precisa subordinada a códigos próprios e reconhecidos pela comunidade científica. Um explorador viajante, ao percorrer grandes distâncias como aquelas em África e nas condições a que tal empresa obrigava, não podia deter-se a observar e registar com exactidão a tamanha diversidade de elementos com os quais se deparava, e muito menos teria a possibilidade de consultar dados e fazer análises comparativas dos exemplares descobertos com os já conhecidos. Por outro lado, também não era este o propósito das expedições em que Roberto Ivens participou. Ele serviu-se das suas impressões experimentadas em viagem a que dava forma, de acordo com a sua mestria e sensibilidade. A par deste tipo de conhecimento construído intuitivamente através da observação, recorria à sistematização de dados naturais e físicos que ia tratando e registando, sendo as informações mais específicas registadas em cadernos próprios para o efeito. Contudo, nas páginas dos cadernos de Roberto Ivens encontram-se quer registos dos trajectos com cotas e ângulos tirados com precisão, quer desenhos do mundo natural, resultado de uma observação atenta da realidade, quer ainda datas, locais e outras diversas anotações manuscritas. O espaço percorrido torna-se indissociável do próprio registo feito em viagem. Porque são registos feitos *in loco*, revelam uma natureza peculiar, uma marca. A reunião dos vários elementos nas páginas destes cadernos denuncia isso mesmo, e de forma inequívoca, denunciam a sua identidade, a de um caderno de viagem.

Coabitam nos cadernos de viagem de Roberto Ivens, sem agressão alguma, os seguintes registos:



Registo gráfico verbal

- Anotações escritas (meteorológicas, itinerários e locais, legendas de desenhos).

Registo gráfico não verbal

- Desenho cartográfico (itinerários).
- Desenhos de pessoas, animais, plantas, locais, habitações e objectos.

A representação é por vezes sucessiva, outras vezes faseada, onde os vários elementos se misturam ou se alternam num mesmo espaço da folha. Esta visão múltipla ajuda a condensar numa folha de papel aquilo que não se veria se posicionado num ponto de observação. Permite assim cristalizar num plano tudo aquilo de que se fez rodear, através da junção de diferentes pontos de vista, a diferentes escalas, com planos de pormenor, tirando partido de diferentes elementos da comunicação visual.

Os animais que se seguem: gazelas, zebras, elefantes, búfalos, hienas, javalis, rinocerontes, leões, jacarés, antílopes, macacos, patos, cobras, estão desenhados nos cadernos de viagem. Devido ao grande número de animais que divagavam pela terra percorrida, diziam os exploradores, que *era uma arca, aquela floresta!* A grande maioria dos animais desenhados, foram animais caçados. Contudo, Roberto Ivens muito raramente transpôs para os registos o aspecto de natureza morta. O que quer dizer que o momento representado, pelo menos teoricamente, é o que antecede à morte do animal. Encontrámos apenas um desenho no qual os animais já mortos estão a ser esquartejados para servirem de alimento. Neste caso, os animais aparecem envolvido pelo cenário circundante que lhes retira o protagonismo principal (Anexo 7).

Nos cadernos, como que a legendar os desenhos da grande parte dos animais, lêem-se anotações do nome do caçador, do número de presas abatidas e lêem-se anotações sobre a qualidade da carne.

O animal foi o primeiro sujeito a ser desenhado. Desde esse começo, na pré-história, com as pinturas rupestres, a representação dos animais teve continuidade e com grande verosimilhança. Os caçadores, e a sua tribo, dependiam do conhecimento íntimo



dos mesmos. As pinturas nas cavernas revelam esse conhecimento pois integravam o ritual dessa aproximação entre caçador e presa, como que tornando-a permanente.

Roberto Ivens, nos registos que faz, explicita esse companheirismo entre o caçador e o animal, como que adicionando aos desenhos uma função também ela ritualista.

Dos muitos animais desenhados, dois foram literalmente companheiros de viagem: os bois-cavalos e os cães. Os primeiros transportavam a mercadoria e transpunham os rios com homens sobre o dorso. Serviram igualmente como troca em transacções comerciais. Para além disso, a carne dos bois-cavalos seria recurso ao primeiro sinal de desespero na falta de alimento. Bois-cavalos e cães sucumbiram igualmente à picada da mosca tzé-tzé. Os cães, auxiliando na caça, perseguiram e sinalizavam as presas. Mas a perseguição obstinada pelos rios pregava-lhes partidas e vários foram devorados por jacarés. O último dos cães ainda com vida, o *Atrevido*, morreu antes de terminada a travessia (Anexo 11).

Mas é da *Pomba* que nos fala com emoção Roberto Ivens, na descrição que faz, num dos seus diários, de uma tarde de caça que ficou longe de ter um final feliz.

Pela tarde pegámos nas armas a fazer um passeio pela margem do rio – Duas rolas, cinco pintadas e uma gazela, são o fruto das nossas pesquisas. Infelizmente um triste caso veio a enlutar o contentamento dos caçadores. Ao atirar à última pintada, as companheiras que com elas estavam, levantaram voo transpondo o rio. A melhor cadela que possuímos a “Pomba”, ao vê-las, lança-se denodada à água, mas ó! Infeliz; mal havia entrado, que uma cabeça horrenda apareceu à superfície, duas queixadas ornadas de aguçados dentes abrem-se deixando aperceber escancaradas, uma guela vermelhenta, e num sopro, desapareceu a desgraçada, deixando num sentido grito o seu último adeus. Um crocodilo devorava-a⁶⁶.

⁶⁶ MARTINS, Francisco d’Assis d’Oliveira – *Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens*. Lisboa: Divisão de Publicação e Biblioteca, Agência Geral das Colónias, 1951. Vol. 2, p. 219-220.



7.4. Análise de dez desenhos (Anexo 12 – caderno separado)

Os desenhos analisados correspondem a desenhos realizados sobre as páginas dos cadernos de viagem, como tal, sobre o mesmo suporte e de iguais dimensões. Na selecção destas dez páginas procurámos que estes exemplos abarcassem as várias especificidades presentes nos registos ao longo dos cadernos. O intuito é que no conjunto desta selecção estivessem presentes expressões distintas, diferentes formas de utilização quer dos instrumentos, quer dos elementos do desenho, e diferentes disposições na folha.

7.4.1. Desenho I

Lápis de grafite; pena e tinta preta; 23 cm x 17 cm.

INSCRIÇÃO: na margem superior à direita, a lápis de grafite – *Recepção em Quipungo*

Sobre o desenho leve das figuras, feito previamente a grafite, o traço da pena define e capta, de forma elegante, a pose descontraída das figuras. Estas distribuem-se casualmente pelo espaço. A diferenciação do tamanho das mesmas origina a representação da profundidade/perspectiva. Duas cubatas são assinaladas com traço vigoroso feito a grafite. As diferentes intensidades deste traço tornam este registo expressivo e vibrante. Da mesma forma, paliçada e vegetação são representadas. Num plano mais afastado, é deixado o esboço leve a grafite da restante paliçada, permitindo adivinhar as hesitações iniciais, nomeadamente a entrada que foi abandonada no primeiro esboço e definida mais adiante.

Ressalta neste desenho o equilíbrio dinâmico conseguido com a alternância entre a determinação do traço e a leveza do mesmo. É um desenho vigoroso e simultaneamente delicado, que se traduz no carácter discreto que possui.

Os exploradores estão auto-retratados. Encontram-se sentados sobre um tronco, de costas para o observador do desenho. Ao lado destes, uma criança curiosa. As visitas às aldeias e recepção pelo chefe das mesmas, quando este não demonstrava animosidade, eram um ritual frequente. Capelo e Ivens descrevem, na obra publicada da viagem, algumas situações pontuadas com humor.



Demorou-se assás a visita, pois que decorreram uns bons vinte minutos de silencio absoluto, durante os quaes nos contemplámos mutuamente com ar atoleimado.

As luvas brancas, sobretudo, attrahiam a geral atenção, e ao menor movimento dos braços todos os olhos n'ellas se fitavam curiosos⁶⁷.

No diário de Roberto Ivens encontramos a descrição que corresponde a este episódio desenhado também por ele, e que intitula como: Soba de Quipingo.

Para nós estavam dois cepos, que nos indicaram para nos sentar. À minha direita ficava um negralhão esguio, ladino, falador.

Esperávamos já há 10 minutos que o soba viesse, quando de repente o intérprete no-lo fez notar, sentado, quase escondido num canto.

O soba aqui não se coloca a meio. Pouco ou nada fala também. O quissongo grande traz o sermão estudado, e responde ele. E se o soba profere meia dúzia de palavras, ao terminar cada uma, exclama a turba em coro, alternadamente: Quietos! Calungas, de forma que é tal o barulho que nada se entende do homem!!!

São usos!

Durante a entrevista desenhiei o calei ou general, que se achava presente. Depois saímos, a fim de os deixar embebedar.⁶⁸

7.4.2. Desenho II

Lápis de grafite; sanguínea; lápis litográfico azul; 23 cm x 17 cm.

INSCRIÇÃO: na margem superior ao centro, a lápis de grafite – *Dia 14 de Maio 1884.*

Nomes de locais encontram-se a legendar o desenho do itinerário, a lápis de grafite,

⁶⁷ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Angola à contra-costa, ob. cit.*, vol. 2, p. 101.

⁶⁸ MARTINS, Francisco d'Assis d'Oliveira – *Ob. Cit.*, Vol. 2, p. 199.



juntamente com seguintes comentários – *Florestas de Mupandas e Mumos. Grandes planuras gramíneas intercaladas. Espécie de (?)*. Na margem inferior à direita, a lápis de grafite – *Morte d'um d'estes por Capello*.

O registo do itinerário acompanha a diagonal da folha (do vértice inferior esquerdo para o vértice superior direito) e é traçado a sanguínea. O rio que faz parte do mesmo itinerário é traçado a lápis litográfico azul. As linhas de orientação geográfica, a lápis de grafite e com traço fino, foram feitas à régua.

A ocupar o espaço do lado direito, anteriormente separado pela diagonal formada, estão desenhadas duas zebras posicionadas lado a lado mas viradas para sentidos diametralmente opostos. As suas cabeças, de perfil, fixam o olhar em pontos de vista inversos. Embora as zebras se encontrem lado a lado, uma delas está num plano mais aproximado. Para além da segunda zebra, avistamos um fragmento do espaço envolvente. Árvores inacabadas e esbatidas acabam por trazer os animais para mais próximo do plano do observador. A zebra mais próxima do observador não está de pé. Devido à inclinação do dorso, podemos supor que o animal estará a tentar erguer-se. A posição das patas posteriores estão dobradas de forma desigual, como que pressionando o chão para se poder elevar e sustentar. A metade anterior do corpo, parcialmente listada, é apenas traçada com uma linha curva aberta. Esta impõe-se de entre mais duas tentativas, na busca do correcto contorno da forma. Por entre a vegetação que oculta parte do animal, adivinhámos as patas anteriores, que na verdade não estão desenhadas. O que parece ser um desenho inacabado, acaba por induzir a movimentação do animal e até o seu esforço. Fica em aberto a possibilidade de o animal ter sido ferido por um dos disparos dos caçadores. Se assim pensarmos, podemos até reparar no olhar atónito desta zebra! O desenho destes animais, vigoroso e determinado, não nos deixa dúvidas quanto à forma bem torneada dos flancos, do pescoço e das coxas. E é sobretudo nestas zonas do corpo que os volumes traduzem, no desenho, zonas mais claras, devido à luminosidade que reflectem. Um leve tracejado, quase uniforme, marca as zonas menos iluminadas. Apetece-nos dizer o quanto é lustroso este pelo listado a preto e branco⁶⁹!

⁶⁹ O fascínio de ver animais pela primeira vez e no seu habitat natural, podia originar especulações imaginárias hilariantes. Como exemplo, citamos o testemunho de um homem que terá andado por terras de Angola: “N’esta província há muita variedade de animais, que em Portugal lhes não sabemos os nomes, (...). E há



7.4.3. Desenho III

Lápis de grafite; sanguínea; lápis litográfico azul; 23 cm x 17 cm.

INSCRIÇÃO: na margem superior ao centro, a lápis de grafite – *Dia 9 de Junho de 1884. De Cahama p^a T'Chicusse*; nomes de locais encontram-se a legendar o desenho do itinerário, a lápis de grafite, juntamente com seguinte comentário – *Vasta floresta. Elephantes 3 ao passarmos. Elephantes abunda.*

O registo do itinerário ao longo do rio é feito a sanguínea (terreno), a lápis litográfico azul (rio) e a pena com tinta vermelha (o percurso). As linhas de orientação geográfica e marcação da linha de escala, a lápis de grafite e com traço fino, foram feitas à régua.

Juntamente com este desenho mais pragmático, surge um elefante desenhado: contorno aberto da forma; traços paralelos repetidos, sugerindo manchas, estão a sensibilizar o interior da forma delineada; traços e pequenas manchas mais intensas definem pormenores e acentuam sombras, salientando assim os volumes. Percebe-se o acerto da curvatura da extremidade da tromba. O tratamento não é uniforme na representação do todo da figura. Foi na cabeça e na parte superior das patas dianteiras do animal que o autor focalizou a sua e, conseqüentemente, a nossa atenção.

Um outro desenho “olha-nos” com um humor sarcástico: corpo de homem e cabeça de elefante; contorno linear intenso; as manchas de claro-escuro da cabeça acentuam a volumetria da mesma; linhas paralelas e repetidas sombreiam o interior da grande orelha de elefante. O interior da forma do corpo humano delineado é registado com um traço bem definido e enérgico. Este mesmo traço torna-se mais intenso na marcação de um pequeno plano em sombra (parte da perna mais distante).

É deixado à imaginação e à perspicácia do observador, o papel de descodificador deste enigma.

também muitas zebras, que são como mulas, e algumas muito raiadas e de variadas cores.” – *Benguela e seu sertão, por um anonymo 1617-1622, in Viagens, explorações e conquistas dos portugueses, colecção de documentos por Luciano Cordeiro. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881, p.19.*



7.4.4. Desenho IV

Lápis de grafite; sanguínea; lápis litográfico azul; 23 cm x 17 cm.

INSCRIÇÃO: na margem superior ao centro, a lápis de grafite – *Dia 27 de Junho de 1884 – De Quiteve p^a Handa*; nomes de locais e animais encontram-se a legendar o desenho do itinerário, a lápis de grafite.

No desenho do itinerário, quase ao centro da página, o leito largo do rio é “aguarelado” a azul. Terá aqui passado um pincel molhado sobre o traço feito a lápis litográfico. As linhas de orientação geográfica, a lápis de grafite e com traço fino, foram feitas à régua. À direita do itinerário estão desenhados uma galinha do mato, acima, e mais abaixo, um búfalo que corre e transporta no dorso um homem que se esforça por não cair (H. Capelo). Como legenda que encima cada um dos desenhos podemos ler, respectivamente: *Capello e António mataram 12; Eram aos milhares*. O desenho da galinha do mato é um apontamento que recorre a um traço fino para o contorno da forma, e à mancha através de pequenas linhas curvas sobrepostas para a caracterização das penas da ave. Esta, desenhada de perfil, desloca-se.

O desenho do conjunto, búfalo com H. Capelo, é feito com um traço certo, sem hesitações e que reúne simultaneamente determinação, nervosismo e delicadeza. É inequívoca a deslocação veloz e poderosa do búfalo. A linha oblíqua implícita neste desenho acentua o movimento e o equilíbrio muito instável do homem que, a todo o custo, tenta não ser projectado contra o chão. Esse homem é Capelo, de longa barba a acusar os dias passados em expedição. O traje com que está vestido é a indumentária de explorador: fato branco (calças e casaco de abas e botões) e botas de cano. A sua posição, de certa forma “acrobática”, poderá parecer um pouco indecorosa. Recordemos que é Ivens, de espírito humorado e trocista, quem desenha. Outro pormenor que realça a deslocação e a aproximação cada vez maior do búfalo, é o facto das patas posteriores, chifres e cabeça estarem desenhadas com um traço mais intenso e por isso mais negro, em relação ao traço mais claro usado na parte anterior do animal. Numa das pernas anteriores e na cauda, esta última apontada para trás, o traço vai diminuindo gradualmente de intensidade, e tornando-



se cada vez mais esbatido, faz com que a extremidade da cauda se esbata completamente no branco do papel. O dorso do animal é manchado com pequenas linhas paralelas. O interior da pata anterior que se encontra em sombra é manchado de forma mais intensa e por isso mais escura, o que sublinha a tridimensionalidade do desenho. O contorno do desenho da figura humana sobre o dorso é feito com uma linha que vai variando de intensidade conforme as zonas que se pretendem mais ou menos realçadas. Esta variação é ténue mas produz o efeito de aproximação/ afastamento provocando a diferenciação dos vários planos e, mais uma vez, da representação tridimensional. Este trajecto da corrida é feito aos solavancos, pois que o animal vai saltando. No desenho, e pelo efeito dos traços da vegetação no chão, o búfalo terá certamente as patas elevadas relativamente ao solo.

É este um exemplo do bom humor e ironia que Roberto Ivens impõe por vezes aos seus desenhos. Aqui vemos o seu estimado amigo, herói explorador, apanhado em apuros.

7.4.5. Desenho V

Lápis de grafite; sanguínea; lápis litográfico azul; pena e tinta preta/vermelha; 23 cm x 17 cm.

INSCRIÇÃO: na margem superior à esquerda, a lápis de grafite – *Dia 20 de Agosto de 1884. Da Soana Catembo para a confluência Cuembo – Quando*; mais abaixo e ao lado de um dos desenhos – *Recoérdo*; na margem inferior à esquerda, a lápis de grafite – *Bellezas d'estes (?) No meio do (Jungle)*; no meio da folha e transversalmente, a lápis de grafite – *Dia 21 de Agosto. Do Quando p^a o Muesse*; nomes de rios e locais legendam os registos do itinerário de viagem, bem como a inscrição dos azimutes.

As formas estão desenhadas através do contorno. O preenchimento do interior destas formas é feito com mancha a grafite. Sobrepostas a estas manchas existem linhas paralelas repetidas. A marcação de pormenores com o mesmo traçado, só que mais intenso, realça as sombras e consequentemente evidencia os volumes. O traço vigoroso e marcadamente expressivo do desenho mais acima, representa um dos exploradores sobre um boi-cavalo. Os contornos foram reforçados com traços feitos a pena e tinta preta. Este



desenho, pela inclinação decrescente que tem, traz consigo um grande dinamismo. Percebe-se que o animal corre numa determinada direcção, tornando difícil o equilíbrio de quem transporta. O desenho mais abaixo representa a travessia de uma para a outra margem de um rio. Estas travessias nem sempre eram bem sucedidas, como relatam com humor estes viajantes.

O terreno baixa, a agua já chega á garupa; de subito os bois começam a nadar, e, desequilibrando os cavalleiros, atiram com elles em sentidos diversos!

Uf! Um banho inesperado, a que os guias respondem erguendo os pannos á altura da cabeça e mostrando graciosamente duas fiadas de dentes brancos como jaspe⁷⁰!

Linhas representando a vegetação alta sobrepõem-se aos desenhos anteriores, como que a estabelecer uma “cortina” entre o observador e os viajantes, uma forma de realçar a árdua acessibilidade ao interior de África. Dois percursos estão desenhados a grafite, sanguínea, lápis litográfico azul e pena com tinta vermelha.

7.4.6. Desenho VI

Lápis de grafite; pena e tinta preta; sanguínea; lápis litográfico azul; 23 cm x 17 cm.

INSCRIÇÃO: como que a legendar as figuras, a lápis de grafite – *Typo Ca-Rótze; Mulher Ca-Runda de Chilembi; a meio da folha e transversalmente – Dia 20 de Setembro. Do Liambai p^a M. Chilembe; nomes de locais a legendar os desenhos dos itinerários, assim como nome de animais, talvez os encontrados durante o percurso assinalado – gnus, zebras, quichohos, songos, perdizes*

No centro da folha, mas girando-a 90° no sentido retrógrado, estão representadas duas mulheres e a cabeça de uma outra. A mulher em pé transporta um cesto à cabeça, uma

⁷⁰ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Angola à contra-costa, ob. cit.*, vol. 1, p. 349-50.

mulher mais distante está acorçada, e de perfil encontra-se desenhada a cabeça de uma outra mulher. Estas figuras foram traçadas a grafite e posteriormente delineadas a pena e tinta preta. As duas figuras de corpo inteiro foram manchadas de forma parcialmente uniforme, embora seja evidente a marcação do claro-escuro. Traços repetidos e paralelos acentuam determinadas superfícies. Pequenas manchas feitas a traço leve espalham-se sob as figuras de corpo inteiro de forma a marcarem o plano onde pisam. A circundar o espaço, em redor da cabeça de perfil, foram traçadas linhas paralelas. Esboçados a traço muito leve e como que num plano mais afastado, pois o tamanho é bastante mais reduzido, encontra-se o contorno de dois animais (bois-cavalos) a saltarem, fazendo lembrar os desenhos rupestres.

Ao longo da viagem são vários os desenhos que Ivens faz de mulheres, e nas memórias escritas faz alusão à paz dos sentidos que facilmente por elas era perturbada.

Ao vel-as menear-se com donaire ao compasso das palmas e do canto, lançando por momentos para os brancos um olhar de maravilhada e suspeitosa curiosidade, os tristes auctores d'estas linhas, acorçados junto das tendas, esqueceram por mais de uma vez o rumo a que lhe ficava Moçambique⁷¹!

7.4.7. Desenho VII

Lápis de grafite; 23 cm x 17 cm.

INSCRIÇÃO: no canto inferior direito, a lápis de grafite – *Me N'Tenque na 1ª Vizita.*

Da composição da página e na parte superior podemos observar o desenho de um chapéu, à esquerda, e de um boi cavalo, à direita. A partir da parte inferior da página e do lado esquerdo vemos o desenho do soba; a mesma personagem, sobre os ombros de um homem, encontra-se à direita da página. Estas formas estão dispostas na folha como se se tratassem de personagens de uma representação teatral mas ainda sem cenário, remetendo-

⁷¹ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Angola à contra-costa, ob. cit.*, vol. 1, p. 375-76.

nos para um estudo preliminar. O espaço em redor não é representado e apenas um ligeiro sombreado junto dos pés do soba, que se mantêm de pé e em posição frontal, dão-nos a indicação do plano horizontal/ chão.

O desenho do boi cavalo é o menos acabado. Dele fazem parte, praticamente, apenas o contorno da forma. Uma parte deste contorno é feita com uma linha contínua (cabeça e zona superior do corpo). A posição das patas anteriores foi encontrada após várias tentativas levemente traçadas. O registo mais forte realça a posição considerada correcta. O desenho das patas posteriores é interrompido, não estando as mesmas concluídas. O olho direito do animal e zona terminal do focinho estão reforçados a traço mais negro, ajudando-nos assim a perceber a aproximação da cabeça relativamente ao observador. Este desenho feito a traço leve, cuja forma não está concluída na sua totalidade e que parece ter surgido de sucessivas hesitações, surpreende-nos pela presença que consegue impor. No desenho do chapéu alto (adereço que pertence ao irmão do soba) a tridimensionalidade e formato cilíndrico estão evidenciados pelo tratamento da superfície através da demarcação das zonas de luz e sombra. Tal, é conseguido pela mancha de cinzento e pelo traço mais forte de algumas linhas.

O desenho do régulo (“rei” indígena de África), de pé, é feito com várias intensidades de traço e com a sugestão de manchas de sombra marcadas através do traçado leve de linhas verticais. A cabeça e pés apresentam sombreado mais nítido. O traje da figura caracteriza-a como sendo uma personagem importante, pois apresenta-se com uma espécie de vestido bastante rodado e comprido, até aos pés. Sobre este cai uma longa capa. Na sua cabeça podemos observar um adereço feito de missangas que o distinguirá dos demais. Afinal trata-se do soba, o homem que governa o distrito.

E essa distinção percebe-se igualmente porque a mesma personagem é transportada aos ombros de um seu serviçal. Este último apresenta-se de tanga e em tronco nu. O régulo tem neste desenho, para além do traje anterior, um casaco com gola de bandas e botões. Este casaco de cariz ocidentalizado, leva-nos a interrogar sobre a sua proveniência. Poderá ter sido uma oferta, ou ter feito parte do montante de uma troca ou negócio, tão comum nestas circunstâncias. A forma como está trajado justifica-se ainda por ser esta uma ocasião especial: trata-se da primeira recepção dos exploradores portugueses realizada na sua



habitação. O régulo protege-se da luz do dia com um chapéu-de-sol. A sombra própria do chapéu assim como a que este projecta, são manchadas a lápis em tons de cinzento claro e escuro, chegando quase a atingir o negro na zona da cara. Os vários traços para o desenho das pernas do carregador acabam por imprimir um movimento que chega a parecer decidido, pois induz os passos numa marcha ritmada. Capelo e Ivens, no livro que escrevem, fazem referências a esta personagem.

Pittoresco é o districto onde nos encontramos, (...), e sympathico é o homem que o governa, acrescentaremos nós em abono da verdade e gratidão.

N' Tenque ou Mutinguinhe, pois eram estes os seus nomes, foi um dos raros caracteres que ao acaso encontrámos em África, e a quem desde logo votámos sincera sympathia.

Alto, esbelto e senhoril, de frente erguida e nariz aquilino, com o seu espaventoso penteado de tranças e pande⁷², tinha, quando de pé e envolto no amplo pano de Zanzibar, o quer que era de nobre, altivo e atrahente. (...).

Dois dias depois da nossa chegada, effectuou-se a primeira visita de cumprimentos em seu tembé⁷³, à qual correspondeu vinte e quatro horas depois, apparecendo-nos no campo, envolvido em numerosos pannos, vistoso chapéu de sol a cobril-o, montando em um dos seus mais possantes vassallos, (...)⁷⁴.

Percorrendo o nosso olhar pela totalidade da página, apercebemo-nos facilmente da variedade das diferentes intensidades do traço, das diferentes intensidades das manchas de cinzento a traduzirem as sombras, e da ausência da mancha que assinala as zonas de luz

⁷² Nota dos autores do livro: “Pande é enfeite composto de parte do involucro de um conus, ligado depois a dois como que bandos bordados a missangas, cobrindo a cabeça”.

⁷³ Tembé, habitação

⁷⁴ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Angola à contra-costa, ob. cit.*, vol. 2, p. 43-44.



intensa. Um despretenso estudo de costumes, revela-se num desenho rico de sinuosidades e movimento.

7.4.8. Desenho VIII

Lápis de grafite; 23 cm x 17 cm.

INSCRIÇÃO: como que a legendar o desenho, a lápis de grafite – *Danças á moda do Carembe*

O desenho representa três homens numa dança tribal. O desenho é realizado à base das linhas de contorno das figuras e do traçado das saias e adereços. Sob o desenho percebe-se o esboço inicial a traço muito leve. A variação de intensidade dos traços origina o vibrar do todo. Uma das cabeças é sombreada. Traços em ziguezague sombreiam a parte lateral do corpo de uma das figuras. O plano do chão é marcado com traços leves. Junto de um dos pés, apoiado no chão, traços mais intensos sombreiam uma pequena área.

A grande riqueza deste desenho vem da combinação da sua leveza, quase etérea, com a carga de energia e movimento que consegue transmitir. Concilia a falta de gravidade com o dinamismo que contém. É um desenho que vibra, que trepida até, mas de uma forma pacífica e delicada. Daí a tentação de se afirmar que nele estão contidos simultaneamente o movimento e a tranquilidade.

7.4.9. Desenho IX

Lápis de grafite; pena e tinta preta/vermelha; sanguínea; 23 cm x 17 cm.

INSCRIÇÃO: Rodado o caderno 90° no sentido retrógrado, na margem superior e a lápis de grafite – *Dia 11 de Janº Ainda a camº de Caponda para o rio Qumahenda*; nome de locais a legendar os desenhos dos itinerários numa *Densa floresta com Elefantes numerosos*; mais abaixo, uma nova data – *Dia 12*; ao lado do desenho feito na metade inferior da folha – *Esperemos o Trinta. Temos rascada!*; No canto inferior esquerdo e obliquamente, junto ao mesmo desenho – *Esperando paciente a resposta de Licuco*.

Desenhos dos itinerários são feitos a grafite, sanguínea e pena a tinta vermelha. Um dos itinerários corresponde ao dia 11 de Janeiro e um outro mais pequeno, ao dia seguinte, dia 12. Este último, assim como as linhas de orientação marcadas a régua partilham o espaço com o desenho que se segue, chegando mesmo a tocarem-se. No desenho seguinte estão representadas três figuras: Ivens, Capelo e um carregador, este último sentado. Os dois exploradores, de pé, apoiados em cajados, esperam! As tremuras do traço e as variações de intensidade traduzem bem o sentido que quem os registou lhes quis dar. Na postura e no tipo de traçado está implícito o peso e a gravidade do desenho, tornando explícita a resignação contrariada, misturada com um certo nervosismo e apreensão. O desenho é vigoroso e contém uma forte carga expressiva. Nele estão registadas as linhas de contorno das figuras, assim como linhas paralelas e repetidas que marcam as zonas em sombra. Estas últimas, de diferentes intensidades consoante as zonas onde se encontram, procuram a tradução do claro-escuro. Sobre o esboço inicialmente feito a grafite, são vincados os contornos a pena e tinta preta, grandes responsáveis pela determinação e força deste desenho.

Trinta era o guia “desnortado” que várias vezes colocou em apuros a comitiva perdida nos sertões, pois nem sempre encontrava o caminho nem fornecia indicações úteis. No relato que os autores fazem da expedição referem-se a diversos episódios passados com o *Trinta*, quase sempre de forma irónica mas por vezes com grande desolação.

7.4.10. Desenho X

Lápis de grafite; sanguínea; lápis litográfico azul; 23 cm x 17 cm.

INSCRIÇÃO: Na margem superior esquerda, a lápis de grafite – *Dia 6 de Março. De Mupanca para Moi Muié*; nome de locais a legendar o desenho do itinerário; Na margem superior direita, a lápis de grafite – *Dia 7 de Março 1885. De M. Muié*; nome de locais a legendar o desenho do itinerário; a meio da parte inferior da folha, a lápis de grafite – *c L (?) ? 3 hoje: Capello, Ivens, António*



Na metade superior da folha estão desenhados dois itinerários, um à esquerda e outro à direita. Ambos estão traçados a lápis de grafite, nos quais parte do relevo é assinalado a sanguínea e as linhas de água traçadas a lápis litográfico azul. Ao lado direito de cada um destes desenhos estão traçadas, a régua e com traço fino de lápis de grafite, linhas de orientação geográfica.

A irromper da margem inferior da folha e da metade esquerda, impõe-se o desenho de um antílope⁷⁵. Representar um mamífero em acção é um grande desafio, uma vez que é exigida a essa representação do animal uma postura e atitude, assim como o enquadramento do mesmo no cenário. Roberto Ivens, tal como já referimos anteriormente, desenha frequentemente os animais com este aspecto de animação e movimento. No caso da página assinalada, o desenho do antílope é vigoroso e despojado de artifícios. O apontamento da paisagem é dado a completar à nossa imaginação, pois recorre a traços muito gestuais sem definição alguma de pormenores figurativos. Contudo, podemos perceber o perfil acidentado do terreno coberto de vegetação. O capim oculta a conclusão das patas do animal. Este, em pose expectante e ativa, exhibe um corpo torneado de sólidos músculos. De acordo com a postura do antílope está o traço determinado do desenho. O contorno é bem definido. A tridimensionalidade da forma é evidenciada pela mancha sugerida por linhas que lado a lado se repetem e mudam de sentido através de uma curva acentuada. As zonas mais escuras da mancha, por oposição, realçam as zonas mais convexas do corpo e criam a ilusão de profundidade de campo. A nossa atenção demora-se na cabeça do animal de olhar penetrante. Os seus chifres contêm pequenas linhas paralelas, feitas a traço forte. Os olhos e focinho são realçados por uma mancha igualmente forte, aproximando-se do negro. Terá sido a impressão que ficou do último olhar do antílope mesmo antes deste ter sucumbido ao disparo dos exploradores? E, uma vez mais, um desenho que para além do registo testemunhal das espécies encontradas em viagem, remete, de certo modo, para um ritual que enaltece e homenageia o animal que servirá de futuro alimento.

⁷⁵ Antílope (do grego medieval - animal fabuloso ou desconhecido) é a designação comum para um grupo variado de mamíferos bóvidos e engloba cerca de 90 espécies de diferentes sub-famílias. O nome que Roberto Ivens escreveu no seu desenho seguido de um ponto de interrogação, refere-se certamente à designação de uma das espécies de antílopes, mas que ele próprio teria dúvidas se seria a correcta.

Conclusão

Estes cadernos de viagem permitiam um transporte fácil e os desenhos e outros registos podiam ser feitos com um número reduzido de materiais e de simples utilização. Para além disso, o tempo de execução podia ser escasso o que se apropriava ao carácter inconstante da viagem.

O desenho, para além de evocar e reafirmar as descobertas feitas em viagem, tornara-se um instrumento didáctico e documental. A representação gráfica, pela sua capacidade comunicativa, era o meio indicado de reconhecimento das formas animais e vegetais, entre outras, seleccionando simultaneamente a informação prioritária.

Nos cadernos de Roberto Ivens alguns desenhos estão circunscritos por uma linha circular juntamente com uma sinalética. Na versão fac-similada a maior parte destas linhas foram eliminadas. Quer por este facto, quer pela discordância expressiva destes traçados circulares relativamente ao desenho no seu todo, quer ainda pela coincidência das imagens assinaladas se assemelharem às gravuras incluídas nos volumes *De Angola à contra-costa*, leva a supor que, tais anotações, terão sido realizadas quando da selecção das imagens a serem gravadas. Note-se que o diário é um objecto pessoal e enquanto não se der a conhecer, fica interrompido o processo de divulgação das descobertas da viagem. Assim, e porque os procedimentos técnicos da imprensa a isso obrigavam, a publicação dos desenhos passava pela execução prévia de gravuras, que depois de publicadas, viriam a complementar a descrição.

Ter lido a aventura destas expedições e ter podido folhear os cadernos originais com os desenhos, deixou-nos um sabor subtil e longínquo, mas sentimos que de certa forma também nós entrámos nesta empolgante viagem. Tal como na narração literária, os desenhos movem-se entre contrastes. No texto, a tragédia foi pontuada com momentos de grande sensibilidade e humor. Nos desenhos, o grafismo alterna entre leveza e gravidade, entre firmeza e imprecisão, entre manchas carregadas e contornos nervosos.

Os desenhos de viagem acompanham o artista na travessia e transformam-se no testemunho das vivências do quotidiano, adquirindo assim uma marca pessoal do autor, tanto por aquilo que este último representa, como na expressão que dá aos próprios desenhos. Mas nesta época e neste tipo de desenho a identidade não era valorizada. As qualidades de Ivens eram reconhecidas e, entre as muitas que lhe eram atribuídas, sublinhava-se a sua veia artística e a sua mestria para o desenho. Mas porque a sua actividade como desenhador era remetida para segundo plano e os critérios estéticos e expressivos não eram os mais importantes neste tipo de registo, não se encontram referências aprofundadas sobre esta sua aptidão e destreza, nem sobre a qualidade estética dos desenhos.

Numa tentativa de caracterizar os cadernos de viagem de Roberto Ivens, fomos induzidos a situá-los entre o diário gráfico de artista e os registos científicos do Iluminismo (século XVIII). A razão desta escolha prende-se com as seguintes constatações.

Por um lado Roberto Ivens desenvolveu um estilo com um carácter expressivo singular. Nos seus desenhos estão, com alguma frequência, espelhados o olhar e a sensibilidade do autor. Nesses casos os registos obedecem a uma interpretação e a uma intenção muito pessoais, do foro íntimo até, difícil de descodificar. Aparecem por vezes formas transfiguradas cuja aparência é distinta da fisicamente observada (Desenho III). O observado, ou não, é organizado de maneira criativa. A disposição dos desenhos no campo visual é bastante liberta, não obedecendo a nenhuma regra estipulada à partida. Alguns destes desenhos, por terem estas características, remetem-nos para o diário de artista que conjuga técnica com explicações livres, próprias do processo criativo. A realidade, fantasiosa, vai para além daquela que é testemunhada.

Por outro lado, demonstrando segurança e domínio no exercício de representação, Roberto Ivens faz inúmeros desenhos do mundo animal e vegetal que vai observando. Desenha paisagens e cenas do quotidiano indígena. Desenha os povos com quem vai contactando, apresentando os traços fisionómicos característicos. Executa o desenho parcial de detalhes na tentativa de, julgamos nós, perceber com maior exactidão o que observa. Pretende assim que os seus desenhos comuniquem com clareza o que



testemunhou. Apesar de distantes da precisão e rigor do desenho científico os desenhos de Roberto Ivens revelam preocupação na análise, mesmo que empírica, da realidade. Procedimentos comuns na busca da objectividade representativa trazida pelo Iluminismo.

África foi terra de destino para Roberto Ivens. Paisagens deste continente emolduraram as páginas dos diários escritos e desenhados por este explorador. Mas como às paisagens geográficas associam-se inevitavelmente as paisagens emocionais, não sendo os limites de ambas da mesma natureza, são múltiplas as descrições que se podem fazer de um mesmo lugar situado rigorosamente sobre as mesmas coordenadas. E as paisagens de África que nos deu Roberto Ivens chegaram por vezes, muitas vezes, a ser desoladoras. Numa carta que o mesmo escreve a Luciano Cordeiro para dar a este último algumas notícias, a 12 de Dezembro de 1878 e após 20 meses de marcha durante a primeira expedição, *De Benguela às terras de Iaca*, revela-nos uma outra paisagem nem sempre apresentada.

Desafio aquele dos exploradores que contra a minha opinião foi, a entrar pela costa de Leste atravessar a acidentada região de Quioco, e a demorar-se na estação das chuvas nesta extensa planura denominada Bacia do Congo.

Descrever-me-á depois, estou convencido; não essa África, esplêndida dos exagerados narradores, cuja fantasia os leva a ver coisas que um humilde cristão nem sequer entrevê; a África com o seu vasto manto de exuberante e variada vegetação, seus regatos serpenteando no meio dos bosques de floridas acácias, suas embalsamadas amas perpassando no meio das verdes folhagens, etc., mas sim uma África plana, extensa, infinita, despida em parte de vegetação e simplesmente coberta de conhecida gramínea denominada capim; charco extenso intransitável no tempo das chuvas, profundamente sulcado pelos leitos dos grandes rios como o Cassai, e o

*Cuango. É esta a África em que nos achamos por agora; que aqui lhes aponto e lhes deixo para seu uso*⁷⁶.

A segunda expedição, *De Angola à contra-costa*, foi uma missão árdua e arriscada. Nela estiveram envolvidos homens, mulheres e crianças a braços com a fome, a doença e a morte. Foram muitas as situações de desespero que levavam a um profundo desânimo. Os dois exploradores descreveram a sua própria tristeza diante um quadro que agonizava, sentindo-se eles próprios *os únicos culpados de tão grandes desgraças*. Mas terminada a missão com a chegada ao destino que tinha sido traçado, Capelo e Ivens perceberam que tinham tomado para si também, o mistério das terras percorridas, e do interior de África já sentiam a falta.

*E ao ver o cozinheiro arrumar na grosseira mohamba, com ar de desprezo, os pratos e copos de ferro, os garfos e os sujos cachimbos, exclamando: “Isto já não presta”, tivemos um assomo de saudade das selvas do Lualaba*⁷⁷.

Deixamos, para finalizar, o conselho que os exploradores R. Ivens e H. Capelo julgaram poder ser útil para aqueles que ambicionassem percorrer terras em África, hoje, já sem espaços em branco nos mapas por completar.

*Discuta pouco, evite temas que possam irritar, não se preocupe extremamente com o dia que há de vir, habituando-se a confiar um pouco á sua boa estrella o feliz êxito dos futuros empreendimentos. É o que podemos aconselhar áqueles que em África quizerem seguir o nosso trilho*⁷⁸.

⁷⁶ MARTINS, Francisco de Assis de Oliveira – *Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens*. Lisboa: Divisão de Publicação e Biblioteca, Agência Geral das Colónias, 1951. Vol. 1, p. 121.

⁷⁷ CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Angola à contra-costa*, *ob. cit.*, vol. 2, p. 323.

⁷⁸ IDEM, *Ibidem.*, p. 58.



Fontes e Bibliografia

Fontes manuscritas

ARQUIVO GERAL DA MARINHA – *Comandante Roberto Ivens*. Livro-Mestre (livro B) p. 28.

IDEM – *Comandante Roberto Ivens*. Livro-Mestre (livro C) p. 129.

IDEM – *Documentos da Escola da Marinha*: Caixa 310

Fontes iconográficas

ARQUIVO GERAL DA MARINHA – *Roberto Ivens*. Fotografias avulso: Caixa 1A e 2 nº 176.

CAPELO, Brito; IVENS, Roberto – Cadernos originais contendo relatório, cálculos e observações meteorológicas realizados por Brito Capelo e Roberto Ivens durante a sua expedição por África em 1877-1885, 6 vols.

EXPEDIÇÃO Capelo e Ivens através da África em 1884-1885, Itinerários de viagem. Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 1989. (fac-símile)

IVENS, Roberto – Cadernos originais de registo de itinerários e desenhos de viagem realizados por Roberto Ivens através da África em 1884-1885, 2 vols.

MUSEU DA MARINHA – *Exposição Permanente, Sala dos séculos XIX e XX* (na qual se encontram expostos vários objectos que acompanharam Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens nas expedições. Museu da Marinha.

PINTO, Serpa – *Itinerários de Serpa Pinto na África Austral em 1877-1878* – Cadernos originais de registo de itinerários e desenhos de viagem realizados por Serpa Pinto, 2 vols.

Fontes cartográficas

COMISSÃO DE CARTOGRAFIA – *Carta da África Meridional Portuguesa*. Paris: [s.n.], 1886.

Webgrafia

AMARAL, Manuel – O portal da história , <http://www.arqnet.pt> (2006/09/06; 14h)

LEITÃO, Nuno – Expedições científicas coloniais portuguesas, in <http://www.naturlink.pt> (2006/08/20; 13h)

REIS, Fernando – Em Lisboa com olhos em África: A fundação da Sociedade de Geografia, in <http://www.instituto-camoes.pt> (2006/08/20; 13h30)

SALAVISA, Eduardo; [e al.] – Diário gráfico, <http://diariografico.com> (2006/07/31; 23h)

SILVA, Miguel Soares – Roberto Ivens, in <http://www.cate.rcts.pt> (2006/05/08; 15h)



LISBOA. Museu da Marinha – Roberto Ivens e Hermenegildo Capelo, in <http://museu.marinha.pt> (2006/04/04; 10h)

Bibliografia geral

- FARIA, Miguel Figueira de – *A imagem útil*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2001. ISBN 972-8094-36-1.
- FARIA, Miguel Figueira de – O desenho em viagem. *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses. nº 9 (1992), p. 65-77.
- GÓMEZ MOLINA, Juan José; [e al.] – *Las lecciones del dibujo*. Madrid: Cátedra, 2006. ISBN 84-376-1376-0.
- GÓMEZ MOLINA, Juan José; CABEZAS, Lino; COPÓN, Miguel – *Los nombres del dibujo*. Madrid: Cátedra, 2005. ISBN 84-376-2271-9.
- MAMEDE, Pedro Miguel Morais – *O artista em viagem: Três desenhos de Sintra de Charles Rennie Mackintosh*. Lisboa: [s.n.], 2004. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
- MARQUES, António Pedro Ferreira – *Métodos e técnicas do desenho: lição de síntese*. Lisboa: [s.n.], 2006. Provas de habilitação ao título de professor agregado. Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
- MASSIRONI, Manfredo – *Ver pelo desenho*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- MEIRELES, António José Santos – *As paisagens do desenho. Características formais do desenho de paisagem*. Lisboa: [s.n.], 2004. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
- PENIM, Lígia – *O ponto e a linha nas rotas do olhar: atlas e compêndios de desenho liceal (1868-1935)*. Lisboa: Educa, 2003.
- RIBEIRO, José Silvestre – *História dos estabelecimentos científicos, literários e artísticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarquia*. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1871.
- RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira – *O desenho. Ordem do pensamento arquitectónico*. Lisboa: Editorial Estampa, 2000. ISBN 972-33-1608-0
- RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira – *Desenho*. Lisboa: Quimera, 2003 (O que é)
- TAPADAS, Sandra Eugénia Teixeira Alves – *Desenho de História Natural, Análise comparada de desenhos de animais produzidos nas viagens ao Brasil de Frei.Cristóvão de Lisboa (séc. XVII) e do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (séc. XVIII)*. Lisboa: [s.n.], 2006. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
- TURNER, Nicholas – *Desenhos de mestres europeus em colecções portuguesas*. Lisboa: Ministério da Cultura, Centro Cultural de Belém, 2000. ISBN 972-8776-53-8



Bibliografia específica

Monografias

- AZEVEDO, Francisco S. A.; [et al.] – *Centenário Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens, conferências e comunicações*. Lisboa: Comissão das comemorações do primeiro centenário da travessia de África por Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens, 1986.
- AZEVEDO, Rafael Ávila de, *A grande travessia africana de Capelo e Ivens*. Lisboa: Liv. Sá da Costa Editora, 1946.
- BARROS, Luís Aires de; [et al.] – *Tesouros da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa: Edições Inapa, 2001. ISBN 972-8387-96-2.
- BASTO, José Maria da Silva, coord. – *Repertório das ordens da Armada, 1869-1880*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1882. Livro 3, Parte I, Vol I.
- BRANCO, Garcia Mendes Castelo; [et al.] – *Viagens, explorações e conquistas dos portugueses, colecção de documentos por Luciano Cordeiro*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881.
- CAPELLO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Angola à contra-costa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1886. 2 volumes.
- CAPELLO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Benguela às terras de Iaca*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1996. 2 volumes. ISBN 972-1-04104-1; ISBN 972-1-04138-6.
- C.N.P.C.D.P. – *As fronteiras de África*. Lisboa: Cordoaria Nacional, 1997. (Catálogo)
- DINIZ, Carlos L. S., coord. – *Repertório da legislação permanente da armada*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1891. V. I
- DUGARD, Martin – *À descoberta de África*. Cruz Quebrada: Casa das Artes, 2007. ISBN 978-972-46-1713-8.
- EÇA, Vicente M. M. C. Almeida de – *Nota sobre estabelecimentos de instrução naval em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.
- FERREIRA, Manuel – *O explorador micalense Roberto Ivens*. [S.l.]: Nova Gráfica, 2004.
- GARCIA, José Luís Lima – *A Sociedade de Geografia de Lisboa e a propaganda colonial em Portugal no final do século XIX*. Guarda: Escola Superior de Educação da Guarda Publicações, 2004. ISBN 972-99475-0-3.
- MAIA, Alfredo – *A Patria honrae, que a Pátria vos contempla: biographias de Hermenegildo Capello e Roberto Ivens*. Lisboa: [s.n.], 1880.
- MARTINS, Francisco de Assis de Oliveira – *Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens*. Lisboa: Divisão de Publicação e Biblioteca, Agência Geral das Colónias, 1951. 2 volumes.
- MENDES, H. Gabriel – *As origens da Comissão de Cartografia e a acção determinante de José Júlio Rodrigues, Luciano Cordeiro e Francisco António de Brito Limpo: a história política das explorações africanas de Hermenegildo Capelo, Roberto Ivens e Serpa Pinto*. Lisboa: [s.n.], 1982. - Sep. da Rev. do Instituto Geográfico e Cadastral, nº 2.
- PINTO, Serpa – *Como eu atravessei a África*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1998. 2 volumes. ISBN 972-1-04400-8.
- RIBEIRO, Manuel Ferreira – *Homenagem aos heróis que precederam Brith Capello e Roberto Ivens na exploração da África Austral, 1484 a 1877, ou os territórios e*



- limites das províncias da Angola e Moçambique*. Lisboa: Lallemand Frères Imprensa Lisboa, 1885.
- SANTOS, Maria Emília Madeira – *Viagens de exploração terrestre dos portugueses em África*. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1988.
- IDEM – *Das travessias científicas à exploração regional em África: uma opção da Sociedade de Geografia de Lisboa, Centro de Estudo de História e Cartografia Antiga*. Separata do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Ministério do Planeamento e da Administração do Território, Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia, Instituto de Investigação Científica Tropical. ISSN 0870-6735. (1991).
- SERRA, Limpo M., coord – *Exposição Comemorativa do Centenário da Travessia de África por Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens*. Museu da Marinha. Lisboa: Instituto Hidrográfico, 1984. (Catálogo)
- SILVA, Miguel Soares da – *Roberto Ivens: o homem, a vida*. Ponta Delgada: Centro de Apoio Tecnológico à Educação, 1996.
- SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA – *Regresso dos beneméritos exploradores Capello e Ivens da sua exploração geográfica através da África em 1885*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1887.
- SOROMENHO, Castro – *A maravilhosa viagem dos exploradores portugueses*. Lisboa: Terra Editora, 1940.

Periódicos

- ADRIÃO, João Carlos – Os exploradores Hermenegildo Capello e Roberto Ivens. *Anais do Clube Militar Naval*. Lisboa: vol. 15 (1885), p. 259-260.
- AMARAL, Augusto Ferreira – A segunda expedição de Capelo e Ivens à luz de documentos inéditos. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa: vol. 57, Série 103, nº 7-12 (1985), p. 133-172.
- ANGLIN, João H. – Roberto Ivens – No 1º centenário do seu nascimento. *Occidente*. Lisboa: vol. 39, nº 147 (1950), p. 9-18.
- BRANDÃO, Eduardo Henrique Serra – I centenário da travessia da África “de Angola à contra-costa” - Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens. Separata do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa: vol. 57, Série 103, nº 1-6 (1985), p. 51-60.
- C., A.– Roberto Ivens (Notícia necrológica e iconografia). *Occidente*. Lisboa: vol. 21 - nº 688 (1898), p. 25-28.
- C., A.– Viagem de reconhecimento ao Zaire em 1876 por Roberto Ivens. *Occidente*. Lisboa: vol. 21 - nº 689 (1898), p. 25-26, 35-36.
- CASTILHO, António de – Capello e Ivens. *A Ilustração*. Paris: vol. 3, nº 21 (1885), p. 331.
- CERVAES, Alberto de – Viagens dos Srs. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens na África Equatorial. *Occidente*. Lisboa: vol. III, nº 54 (1880), p. 41-43; vol. III, nº 55 (1880), p. 51-52; vol. III, nº 56 (1880), p. 59-61; vol. III, nº 57 (1880), p. 66-67; vol. III, nº 58 (1880), p. 75, 77; vol. III, nº 59 (1880), p. 83, 85; vol. III, nº 61 (1880), p. 111; vol. III, nº 62 (1880), p. 111; vol. III, nº 63 (1880), p. 127; vol. IV, nº 74 (1881),



- p. 14-16; vol. IV, nº 75 (1881), p. 22, 24; vol. IV, nº 76 (1881), p. 27, 29; vol. IV, nº 77 (1881), p. 34-35, 40; vol. IV, nº 79 (1881), p. 54-56; vol. IV, nº 83 (1881), p. 87-88; vol. IV, nº 85 (1881), p. 101-102, 104; vol. IV, nº 86 (1881), p. 110-111
- CORREIA, Fernando – Alguns aspectos científicos da viagem de Capello e Ivens. *História*. Lisboa: nº 65 (1984), p. 11-13.
- CORREIA, Mendes – O centenário de Roberto Ivens (1850-1950). *Rev. do Ultramar*. Lisboa: nº 18 (1950), p. 12-13, 20.
- GRAVIER, Gabriel – Voyage d'exploration de B. Capello et R. Ivens en 1877-1879, dans l'Afrique Sud-Occidentale. Extrato do *Bulletin de la Société Normande de Géographie*. Rouen: vol. Julho-Agosto (1881). In *Miscelâneas*, legado Gago Coutinho, Sociedade de Geografia de Lisboa.
- GUIMARÃES, José Maria Teixeira – De Angola à contra-costa por H. Capello e R. Ivens. *Anais do Clube Militar Naval*. Lisboa: vol. 17 (1887), p. 65-93.
- M., U. – Expedição Capello-Ivens. *Anais do Clube Militar Naval*. Lisboa: vol. 15 (1885), p. 170-174.
- MARTINS, Francisco de Assis de Oliveira – Evocação do centenário da primeira expedição científica portuguesa à África (De Benguela às terras de Iaca). *Anais da Academia Portuguesa de História*. Lisboa: vol. 27 (1981), p. 297-320.
- SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA – Sessão solene de 15 de Março de 1880. *Actas das sessões da SGL*. Lisboa: vol. 1 (1876-1881), p. 203-204.



Anexos

Anexo 1

Se ao correr as paginas da presente obra, o leitor amante da exposição fácil e de primores litterarios, exclamar: mas é massudo este livro! Replicar-lhe-hemos: Sim, senhor, é uma verdade o que diz, mas casualmente a sua descoberta não atinge as proporções d'quella da polvora, pois os auctores, ao rabiscal-o, já d'isso estavam convictos, pela excellente rasão de que, para escrever livros d'estes, é primeiro que tudo preciso saber descrever.

Ora é isso precisamente o que elles estão certos que mal sabem fazer.

Se ainda a sua audacia subir de pronto a leval-o a meio do segundo volume, e suspendendo ahi exclamar: é uma jeremiada permanente, um constante lamento, um alinhavo de decepções e desesperos, esta descripção de viagem; repicar-lhe-hemos tambem, que para nos desculpar não carecemos da sua benevolencia, pois que, tornando-se a nossa primeira obrigação o ser verdadeiros, e havendo a dita viagem sido uma constante lucta com a fome e com o deserto, este livro, gemendo assim, não faz mais do que espelhar um a um os factos que n'ella se deram.

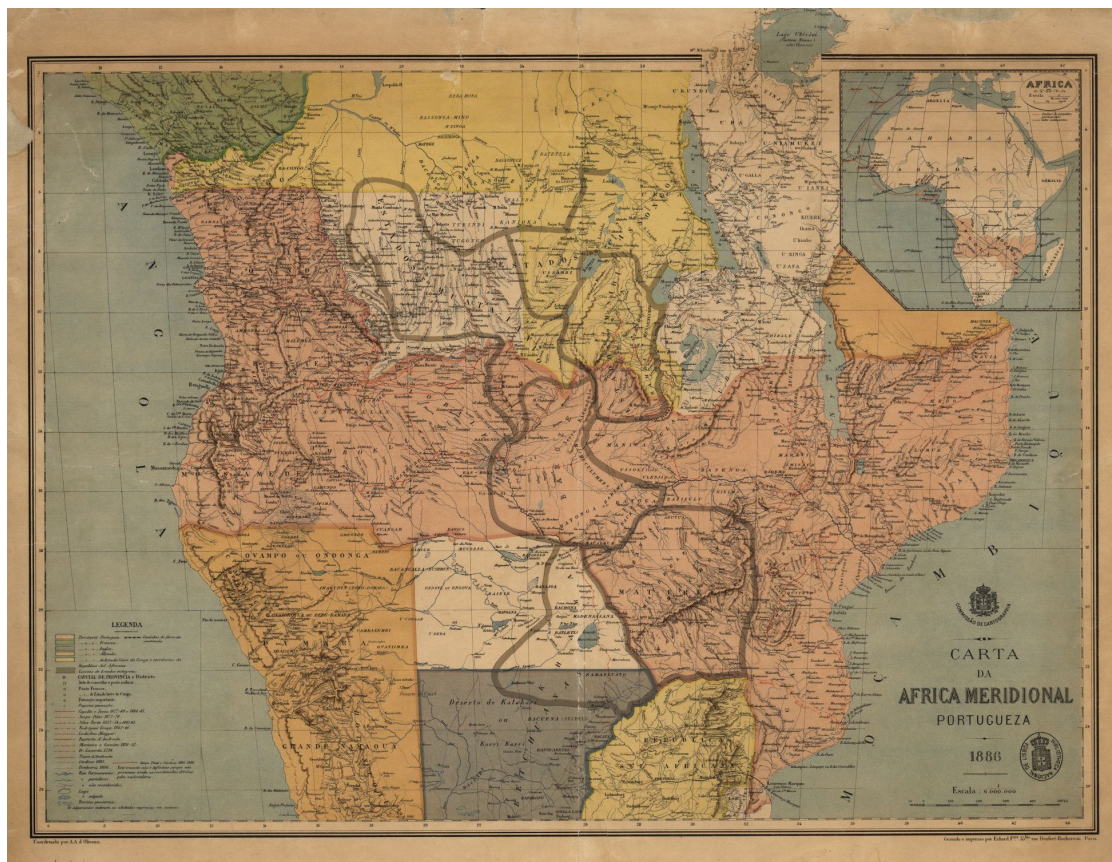
Durante o trajecto de uma á outra costa, raro foi o dia em que nos erguemos, que não tivessesmos de luctar com um embaraço; da primeira á ultima pagina do diario, rara é a linha em que se não deixa transparecer este estado de cousas.

Se não eram fugas era a fome, se não era esta, vinham as perfidias e falsa fé do indigena, e na falta d'estas tinhamos logo como distracção o deserto ou a chuva, quando não as mortes e a mosca!

Como pintar, pois, com alegres cores um quadro de si tão escuro e tétrico⁷⁹?

⁷⁹ CAPELLO, Hermenegildo; IVENS, Roberto – *De Angola à contra-costa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1886. Vol. 2, p. 241-242.





Carta impressa em papel, a cores, escala 1: 6.000.000,
710 mm x 580 mm, Paris, Comissão de Cartografia, 1886.

Carta desenhada sob coordenação de António Augusto de Oliveira
e gravada por Enherd Fres.





Fotografia do 1º tenente Roberto Ivens
1889⁸⁰.

⁸⁰ ARQUIVO HISTÓRICO DA MARINHA – *Roberto Ivens*. Fotografias avulso: Caixa 1A e 2 nº 176.



Anexo 4

Itinerário das expedições a África (R. Ivens e H. Capelo)

NOTA: Porque a página com o mapa e percursos assinalados é em formato A3, seguiu em ficheiro separado.

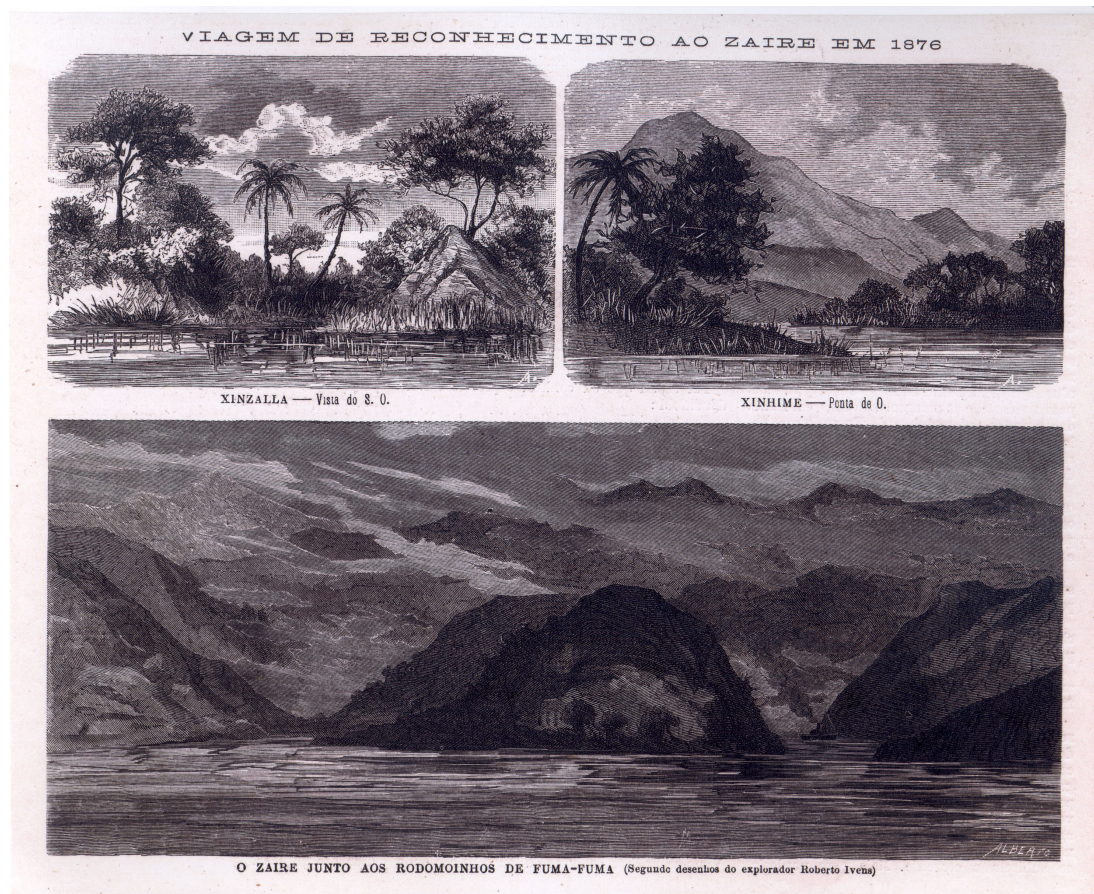




Itinerários das expedições a África, efectuadas por Roberto Ivens e Hermenegildo Capelo:

- De Benguela às terras de Iaca (1877-1880)
- - - De Angola à contra-costa (1884-1885)

COMISSÃO DE CARTOGRAFIA - Carta da África Meridional Portuguesa. Paris:[s.n.], 1886.
(A marcação dos itinerários sobre fragmento do mapa foi feita por nós.)



Gravuras da viagem de reconhecimento do rio Congo em 1876,
segundo desenhos do explorador Roberto Ivens⁸¹.

⁸¹CERVAES, Alberto de – Viagens dos Srs. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens na África Equatorial. *Occidente*. Lisboa: vol. III, nº 55 (1880), p. 52.





a



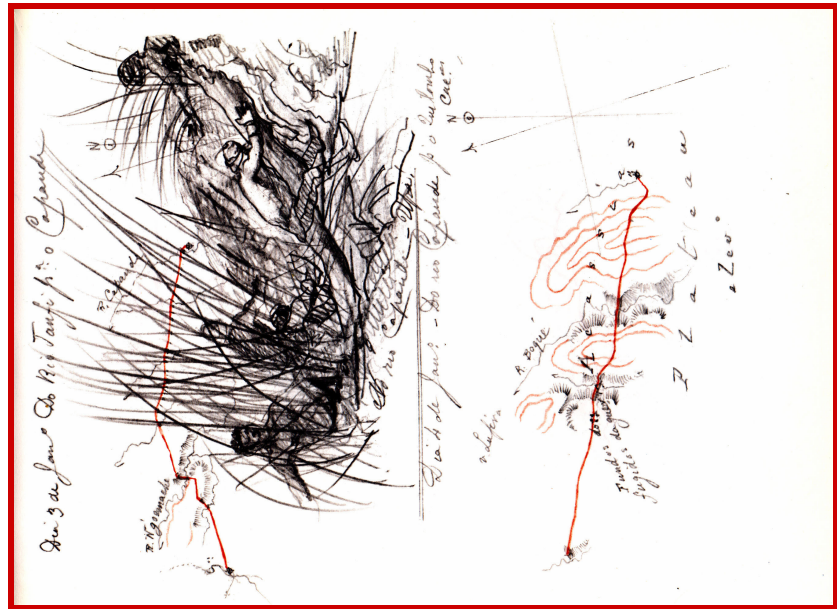
b

Desenhos dos cadernos de viagem de Roberto Ivens – *De Angola à contra-costa*⁸².

⁸² Expedição Capelo e Ivens através da África em 1884-1885, *Itinerários de viagem*. Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 1989. (fac-símile)



c

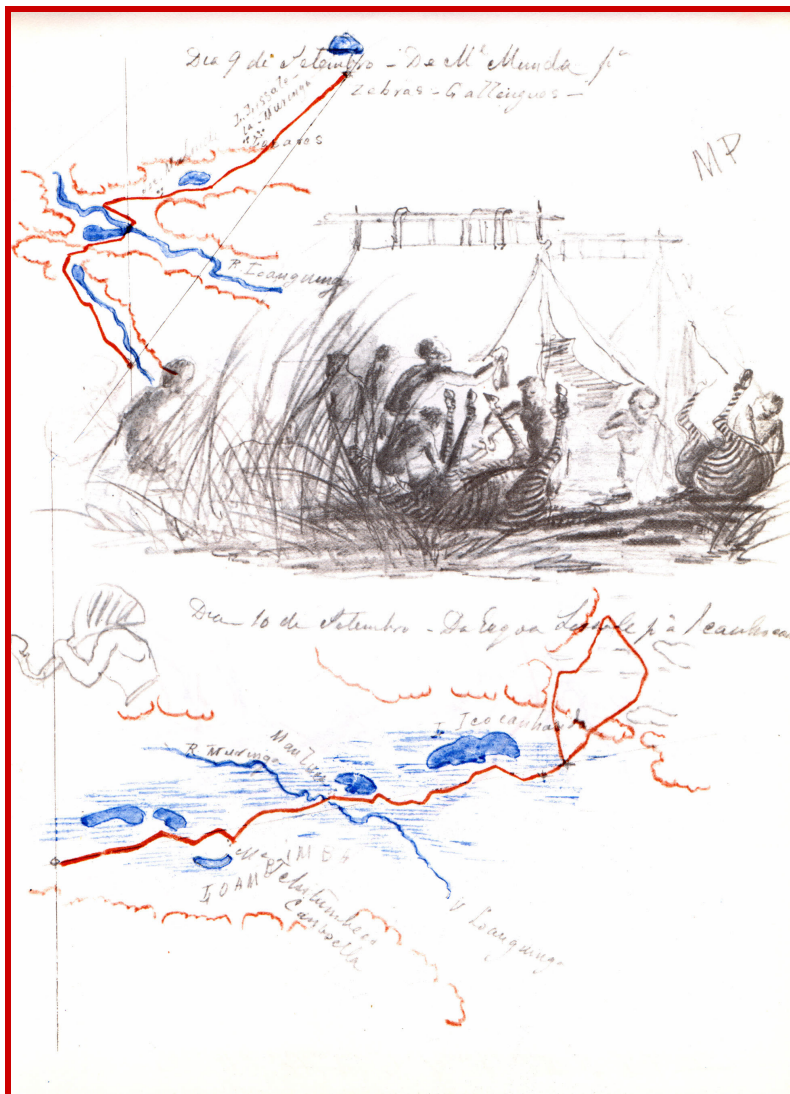


d

Desenhos dos cadernos de viagem de Roberto Ivens – *De Angola à contra-costa*⁸³.

⁸³ Expedição Capelo e Ivens através da África em 1884-1885, *Itinerários de viagem*. Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 1989. (fac-símile)





Desenho do caderno de viagem de Roberto Ivens – *De Angola à contra-costa*⁸⁵.

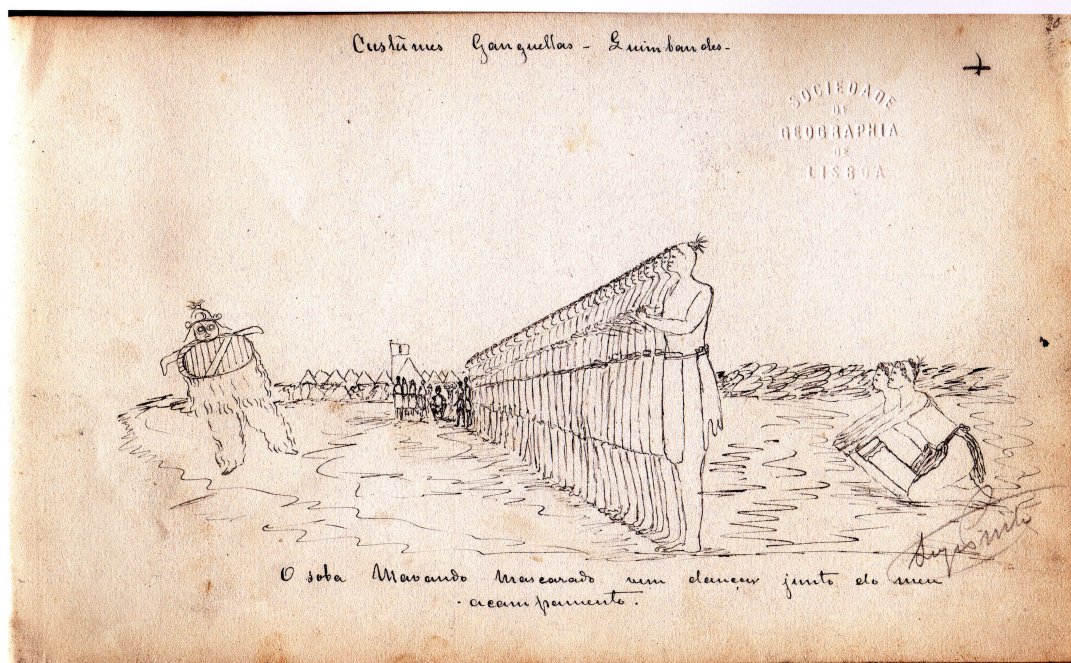
⁸⁵ Expedição Capelo e Ivens através da África em 1884-1885, *Itinerários de viagem*. Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 1989. (fac-símile)





Os exploradores Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens
no regresso da sua viagem à África equatorial
(segundo fotografia)⁸⁶.

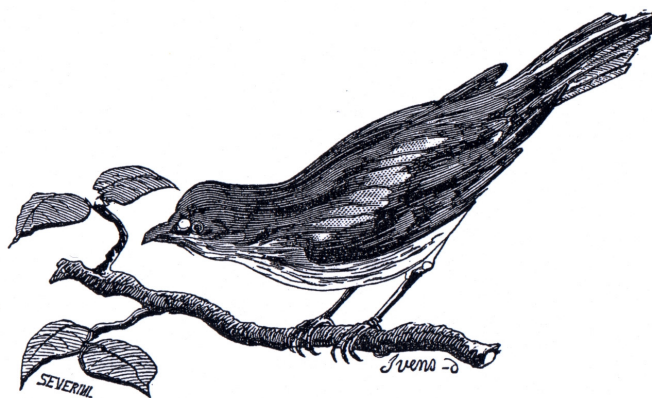
⁸⁶ CERVAES, Alberto de – Viagens dos Srs. Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens na África Equatorial. *Occidente*. Lisboa: vol. III, nº 54 (1880), p. 1.



Desenho do caderno de viagem de Serpa Pinto⁸⁷.

⁸⁷ PINTO, Serpa – *Itinerários de Serpa Pinto na África Austral em 1877-1878* – Cadernos originais de registo de itinerários e desenhos de viagem realizados por Serpa Pinto. Vol 1.





Fiscus capelli



Antílopes
Eleotragus reduncus

Gravuras realizadas a partir dos desenhos de Roberto Ivens durante a expedição *De Benguela às terras de Iaca*⁸⁸.

⁸⁸ FERREIRA, Manuel – *O explorador micaelense Roberto Ivens*. [S.l.]: Nova Gráfica, 2004.





Cateco, o guia



A panela do hidromel

Gravuras realizadas a partir dos desenhos de Roberto Ivens durante a expedição *De Benguela às terras de Iaca*⁸⁹.

⁸⁹ FERREIRA, Manuel – *O explorador micaelense Roberto Ivens*. [S.l.]: Nova Gráfica, 2004.





Perda do Atrevido (cão)
1 de Outubro de 1884⁹⁰.

⁹⁰Expedição Capelo e Ivens através da África em 1884-1885, *Itinerários de viagem*. Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 1989. (fac-símile)



Dez desenhos dos cadernos de viagem de Roberto Ivens
Expedição *De Angola à contra-costa*, 1884-85⁹¹
[caderno separado, em anexo]

⁹¹ *Expedição Capelo e Ivens através da África em 1884-1885, Itinerários de viagem*. Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 1989. (fac-símile)



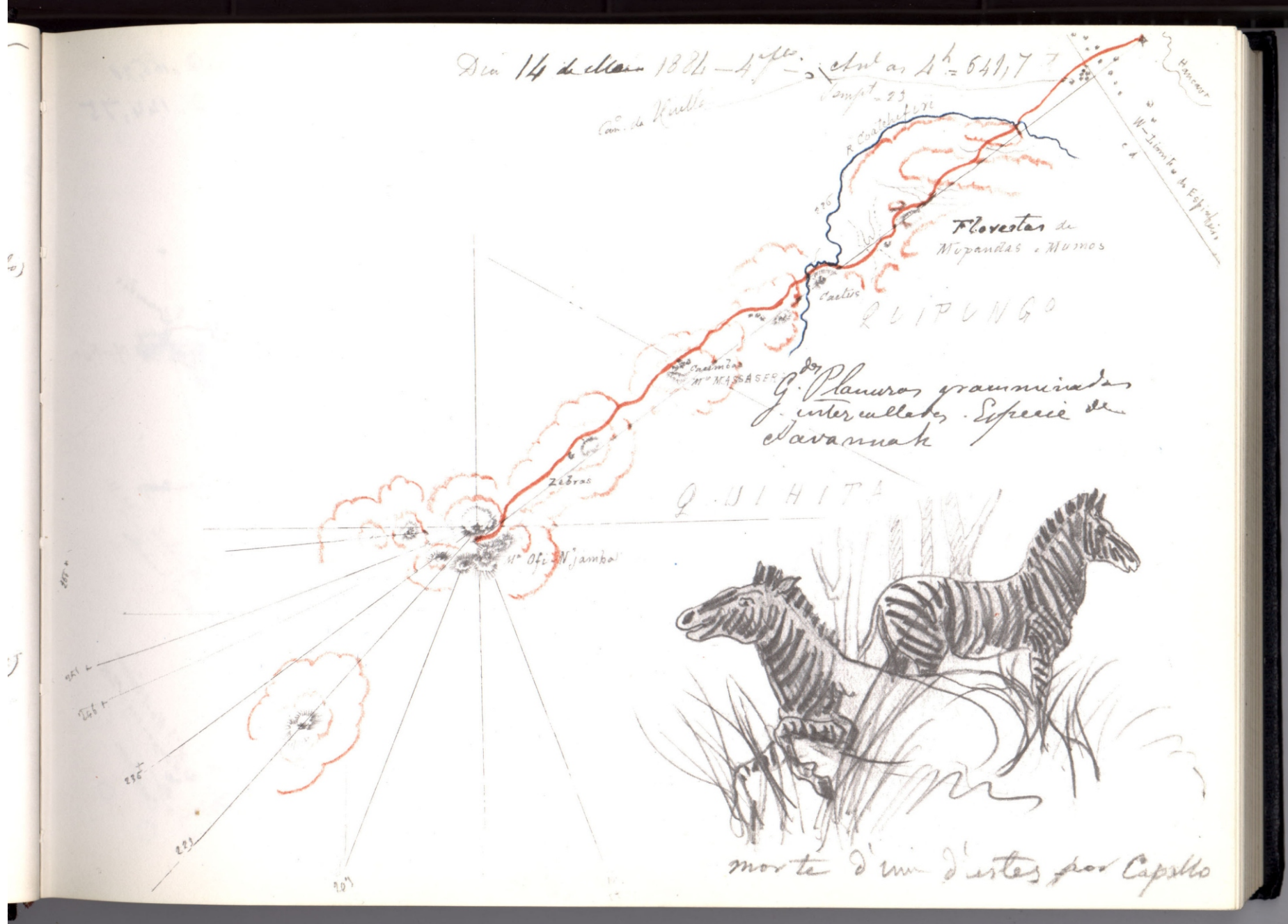
Dez desenhos dos cadernos de viagem de Roberto Ivens

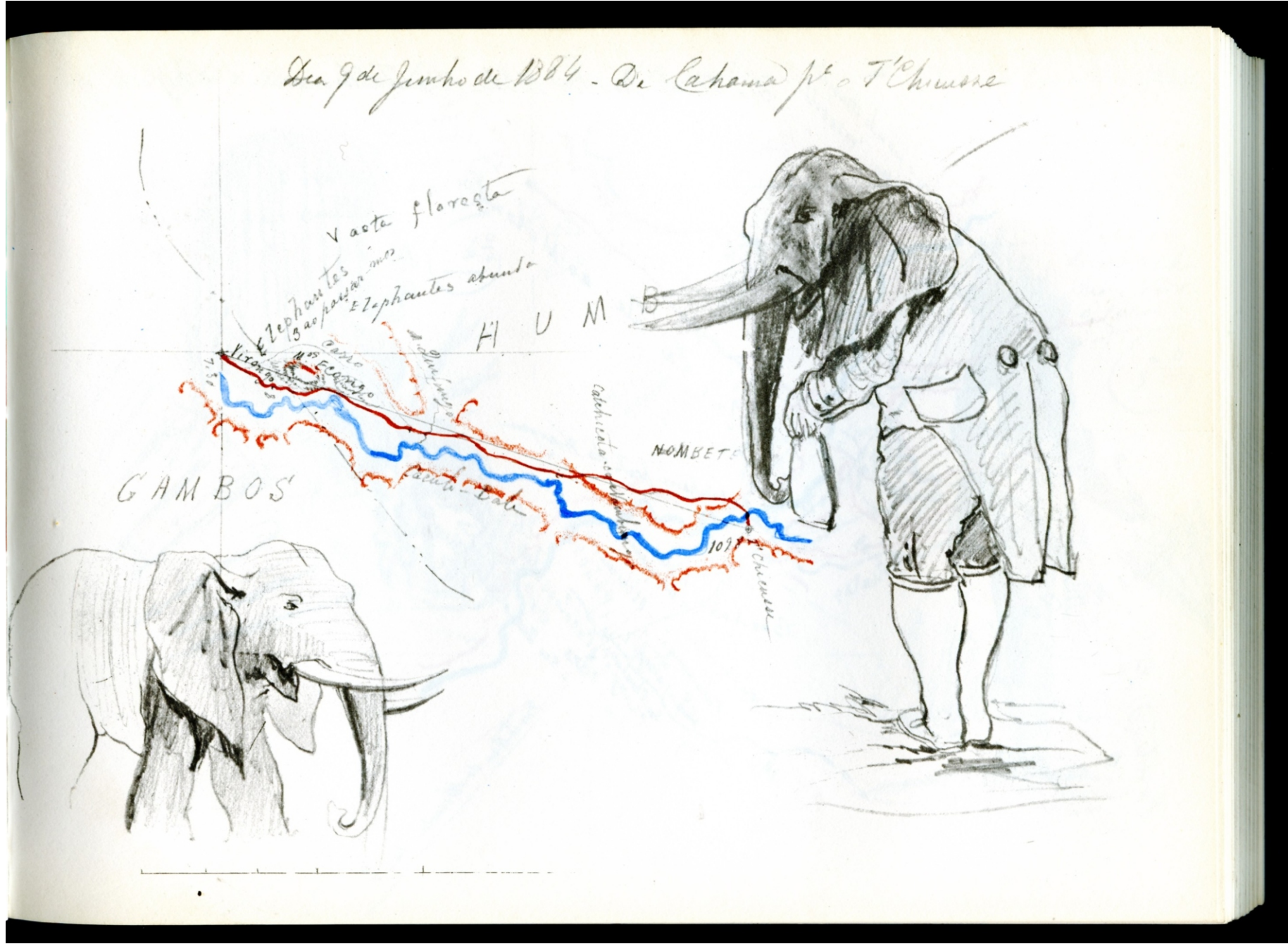
Expedição “De Angola à contra-costa”, 1884-85

Anexo 12 da Dissertação de Mestrado em Desenho: **Desenhando em viagem** - Os cadernos de África de Roberto Ivens



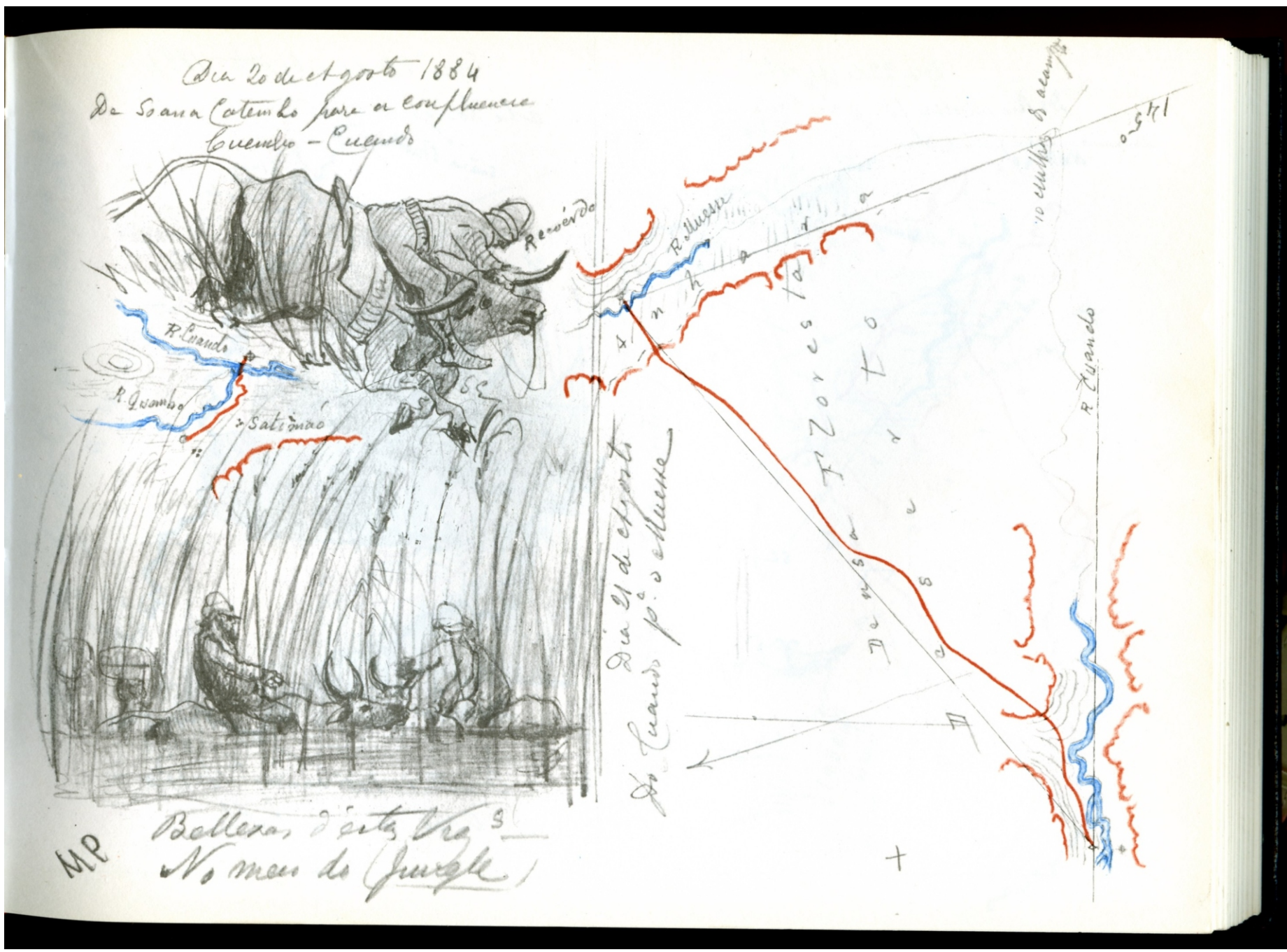






Dei 27 de Junho 1884 - De Luanda p^a a Hauda





Desenho de Roberto Ivens
Expedição "De Angola à contra-costa", 1884-85

Desenho VII - página do caderno de viagem



Chavias e munda do Ovambo





Dia 6 de Março - De Mupanea p.
Moi Muie



Dia 7 de Março 1885 - De M. Muie



Adriano?
3 hojin
1 apollo
Shans
Autum